

DIALOGO

PARA UMA CULTURA DE INTEGRAÇÃO REGIONAL

Nº 29 | Secretaria Executiva de Mercocidades

2012/2013

PORTUGUÊS



MERCOCIUDADES



MUNICIPIO DE QUILMES



DIALOGO

PARA UMA CULTURA DE INTEGRAÇÃO REGIONAL

ÍNDICE

29

Editora/ 6

O MERCOSUL, constroi Cidadania / 8

Ilustres do MERCOSUL / 9

Dignidades / 10

Galeano presente / 11

A nosso querido amigo e companheiro... / 14

Arquitetura do compromisso / 15

Resolução FCCR sobre Kirchner e Chávez / 17

O desafio do MERCOSUL para o século 21/ 19

MERCOSUL em crescimento / 21

A cidade e a Universidade na difícil batalha pela Integração Regional / 22

Direitos e Democracia para metrópoles solidárias e sustentáveis / 24

A Cultura constrói Integração Regional / 26

A Cultura nos Municípios / 27

A voz da rádio na Cúpula de Quilmes/ 28

O Teatro como ferramenta para promover redes desde o cultural / 29

Entendendo ao Turismo/ 31

Montevideu Capital Ibero-americana da Cultura 2013 a Cultura é Capital / 33

Identidade Cidadã Regional / 35

Esteban Echeverría: Identidade na diversidade / 36

Construindo Identidade Regional, construindo a Pátria Grande/ 38

Políticas de Juventudes em Quilmes / 39

O Plano Estratégico de Ação Social: avanços para a consolidação da dimensão social com enfoque nos Direitos Humanos no MERCOSUL / 41

A experiência de uma Cidade Conurbana/ 44

IV Congresso Mundial de CGLU / 46

Para uma Cultura de Integração Regional / 48

Periferia e Multicentralismo na Construção da Cidadania / 50

Reflexões a propósito de concluir a Secretaria Executiva 2012-2013 (Quilmes) e da próxima 18ª Cúpula da Rede de Mercocidades (Porto Alegre) / 52

A Cidade como território da Integração e da política / 54

"Diversidade e Acesso equitativo aos Meios de Comunicação" / 55

Secretaria Executiva de Mercocidades (2012 – 2013)

Francisco Gutiérrez / Secretário Executivo de Mercocidades e Intendente de Quilmes
Lucrecia Monteagudo / Secretária de Relações Institucionais, Regionais e Internacionais
Gonzalo Tomás Pérez / Subsecretário de Relações Internacionais
Daniel Rosano / Diretor Geral de Integração Regional
Inés Malicki / Diretora de Relações Institucionais
Leandro Silva / Diretor de Assuntos Intermunicipais
Equipe administrativa, técnico e comunicacional /
Nicolás Ferreira Clua
Darío Crespo
Yamila Vidal
Lorena Pietronave

Município de Quilmes

Secretaria de Relações Institucionais, Regionais e Internacionais.

Tel: +54-11-43503032 / +54-11-43501168

Email: siri@quilmes.gov.ar / relacionesinternacionales@quilmes.gov.ar

Web: www.quilmes.gov.ar

Secretaria Técnica Permanente de Mercocidades

Ana Olivera / Intendente de Montevideu
Luis Polakof / Diretor do Departamento de Desenvolvimento Econômico e Integração Regional
Ruben García / Diretor da Divisão Relações Internacionais e Cooperação
Sebastián Valdomir / Assessor da Divisão Relações Internacionais e Cooperação
Jorge Rodríguez / Coordenador da Secretaria Técnica Permanente de Mercocidades
Secretaria /
Mariela Couto
Tania Fernández
Comunicação /
Sabrina Crovetto
Pablo Cardozo
Katia Silveira
Finanças / Cristina Pacheco

Divisão Relações Internacionais e Cooperação

Luis Piera 1994, Edifício MERCOSUL

CP: 11200, Montevideu, Uruguay

Tel: +598 2413 6625

Fax: +598 2413 6624 int. 117

email: stpm@mercociudades.org

Web: www.mercociudades.org

Capa: Instantânea Urbana, Leandro Manzo
Contracapa: El Despertar de América, Juan Bauk

Desenho: Nicolás Medina




*Por Francisco Gutiérrez
Prefeito Municipal de Quilmes
Secretário Executivo da Rede Mercocidades*

Em Montevideu, Uruguai, no dia 2 de dezembro de 2011 se realizou a 16ª Assembleia Geral da Rede de Mercocidades, onde a Cidade de Quilmes foi escolhida para exercer sua Secretaria Executiva pelo período 2012 – 2013.

Foi um orgulho para nossa cidade e para todos nossos cidadãos e cidadãs. Consideramos nossa gestão inserta indissolúvelmente na região, porque sabemos que nosso melhor destino está ligado ao desenvolvimento e à integração regional.

Fomos anfitriões, na 17ª Cúpula de Mercocidades de 28 a 30 de novembro de 2012, para assumir esta Secretaria Executiva durante a Assembleia que realizamos em nosso emblemático Parque da Cervejaria, no dia 30 de novembro do mesmo ano.

Uns dias antes, tínhamos organizado o II Fórum Ibero-Americano de Políticas Culturais no Âmbito Municipal e Local com a presença de gestores culturais de toda a América Ibérica, o qual foi outro marco em nosso trabalho “Para uma Cultura de Integração Regional”.

Precisamente esse foi o lema que escolhemos para a Cúpula da Rede em Quilmes, porque estamos convencidos que a cultura gera integração e a integração gera novos processos culturais.

Como Secretário Executivo da Rede de Mercocidades, desejo apresentar-lhes um novo número da Revista Diálogo, com o qual nos propomos transmitir-lhes distintas temáticas, sempre na perspectiva que nós traçamos desde desta Cúpula, vinculando à cultura com a construção da cidadania regional.

É nesse sentido que nos interessa ressaltar a assinatura do Convênio específico entre o Instituto de Políticas Públicas em Direitos Humanos do MERCOSUL (IPPDH) e a Secretaria Executiva da Rede, escolhendo o dia 26 de março, Dia do MERCOSUL, para dar seguimento a este acontecimento cuja centralidade está dada ademais no fato de que os países do MERCOSUL tomaram oportunamente a decisão de destinar fundos do FOCEM (Fundo de Convergência Estrutural do MERCOSUL) para mantê-lo. Falamos da centralidade desta decisão já que trabalhar na região por memória, verdade e justiça constitui a melhor resposta no nível regional às consequências do Plano Condor que pretendeu calar o grito libertário latino-americano com morte, perseguição e desaparecimentos forçados.

Do mesmo modo, resgatamos a decisão adotada pelos países do MERCOSUL ao se pronunciar sobre a necessidade de escolher Cidadãos Ilustres, não somente pela importância dessas destacadas figuras, senão porque ademais realça seu valor simbólico: ser **Cidadão do MERCOSUL**. Essas menções colaboram sem dúvidas, com a construção de uma cultura regional. De igual maneira, o aprofundamento do vínculo entre as 27 Universidades públicas do MERCOSUL, as cidades e os governos locais da Rede são um passo importantíssimo no mesmo caminho. Também queremos destacar a relação de Mercocidades com o Fórum de Autoridades Locais da Periferia (FALP) cujo crescimento se manifestou este ano no III Fórum organizado pela Cidade de Canoas, Brasil.

Dizíamos na Declaração de Quilmes que “reafirmamos o sentimento de identidade e pertencimento cultural ao MERCOSUL, assim como o convencimento de que este bloco deve crescer e se consolidar com vistas à concretização do sonho da Pátria Grande Sul-Americana”. Nossa Rede, que nasceu em tempos de um MERCOSUL meramente comercial, em que sonhar com a Pátria Grande Sul-Americana parecia muito longe, foi atora fundamental para contribuir para aproximar laços sociais, culturais e, em definitiva, humanos.

Quando se fundou Mercocidades, na metade da década de 1990, vivíamos momentos de desunião entre nossos povos e de triunfos de receitas antipopulares, porém, sobretudo de visões que viam respostas em outros hemisférios e não no nosso. Hoje, ao contrário, transitamos um período histórico na América Latina. A incorporação da Venezuela como membro pleno do MERCOSUL, assim como também a formação da UNASUL (União das Nações Sul-Americanas) e da CELAC (Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos) são mostra da vontade das nações do continente de afirmar um desenvolvimento autônomo e solidário. Como também subscrevemos na Declaração de Quilmes: “Continuaremos implantando todas as ferramentas ao nosso alcance para seguir deixando atrás as estruturas das desigualdades sociais, da pobreza e da dependência de nossos países no contexto global”.

Espero que nas próximas páginas possam encontrar um canal de expressão e síntese destas linhas de ação e de opinião, junto a experiências que em cada canto do nosso continente seguem nutrindo o caminho da integração regional.

Desde Quilmes nos resta agradecer a todas aquelas pessoas que colaboraram para levar a bom término este ano de coordenação política da Rede de Mercocidades, tanto no Município de Quilmes, como em todas as instâncias da Rede, da Comissão Diretiva, do Conselho, das Unidades Temáticas e obviamente da Secretaria Técnica Permanente.

Há mais de trezentos e quarenta anos, houve um povo a mil duzentos quilômetros de nossa cidade que foi obrigado a abandonar suas terras e caminhar essa distância para se assentar as margens do Rio da Prata. Foram os índios Kilmes. Sua história de luta e resistência, além de nos deixar como maravilhosa herança o nome da Cidade de Quilmes, nos deixou o exemplo de fortaleza e persistência de uma cultura e sua identidade, por sobre vontades hegemônicas e deslocadas. Com seu exemplo como insígnia é que transitamos todas as instâncias de participação na Rede, desde as Unidades Temáticas, o Conselho, a Secretaria Executiva, a Comissão Diretiva, reafirmando nosso compromisso para continuar trabalhando dia a dia por um mundo melhor, que em nossa região se expressa com integração, desenvolvimento harmônico, autônomo e sustentável, solidariedade, participação, justiça social e distribuição da riqueza.

O MERCOSUL CONSTRÓI CIDADANIA

DIALOGO

Arca, Leandro Manzo



:: ILUSTRES DO MERCOSUL



Em 2008, na província argentina de Tucumán, o MERCOSUL começou uma prática que acreditamos fundamental para a construção da cidadania regional. No dia 30 de junho daquele ano se declarava ao escritor uruguaio Eduardo Galeano “Cidadão Ilustre do MERCOSUL”, “em virtude das importantes contribuições que realizou para a cultura, a identidade latino-americana e a integração regional”. Posteriormente, se sucederam outras declarações de Cidadãos Ilustres que fortaleceram o aspecto social e cultural do MERCOSUL.

Desde a Secretaria Executiva da Rede de Mercocidades temos decidido neste número da Revista Diálogo ampliar a visibilidade desta destacável prática porque acreditamos que contribui para solidificar o caminho para uma cultura de integração regional.

Que as instâncias institucionais do MERCOSUL reconheçam a cidadania regional de importantes referentes dos distintos países integrantes é um passo a mais na história de aprofundamento de nossos laços sociais, políticos e culturais.

Em Assunção do Paraguai no dia 28 de junho de 2011 e “considerando que o respeito dos Direitos Humanos e das Liberdades Fundamentais é uma condição essencial para a vigência e evolução do processo de integração” o MERCOSUL declarou Cidadã Ilustre à presidenta da Associação Avós da Praça de Maio, Estela de Carlotto “em reconhecimento a sua perseverante tarefa na promoção e no respeito irrestrito dos Direitos Humanos, assim como a sua permanente luta pela memória, verdade e justiça”.

No ano seguinte, no dia 29 de junho de 2012, se declara na cidade de Mendoza, Argentina, “Cidadão Ilustre do MERCOSUL” ao ex-presidente do Brasil, Luiz Inácio “Lula” da Silva “valorizando, em igual sentido, o papel desempenhado no aprofundamento dos laços históricos, políticos e culturais entre os povos da região e sua liderança e vocação de serviço em prol da integração da América Latina e do Caribe em seu conjunto”.

No dia 7 de dezembro do mesmo ano, em Brasília, as Presidentas e os Presidentes do MERCOSUL declararam “Cidadão Ilustre do MERCOSUL” post mortem a Oscar Niemeyer quem, tal como reza esta declaração “deixa como legado uma vida dedicada à luta por um mundo menos desigual e mais justo mediante o papel transformador da arquitetura e da arte. Com seu trabalho, modificou a paisagem brasileira e mundial e fez do Brasil uma referência internacional desde o ponto de vista da arquitetura moderna. Com a morte de Niemeyer, o MERCOSUL perde um de seus maiores artistas, que será sempre lembrado por sua obra e seu humanismo”.

Finalmente, no dia 2 de setembro de 2013, pela iniciativa do Coordenador do Comitê dos Municípios do FCCR (Foro Consultivo de Municípios, Estados Federados, Províncias e Departamentos do MERCOSUL), o prefeito municipal de Quilmes, Francisco Gutiérrez, apresentou e aprovou na 39ª reunião ordinária de Coordenadores do Foro a proposta de elevar ao Grupo Mercado Comum e, por seu intermédio, a quem corresponda, a proposta de Declaração de Cidadão Ilustre do MERCOSUL post mortem do ex-presidente da República Bolivariana da Venezuela, Hugo Chávez Frías e do ex-presidente da República Argentina, Néstor Carlos Kirchner. Destacou-se em ambos os casos que “sua indeclinável posição contra o pretendido domínio regional da ALCA (Área de Livre Comércio das Américas) e o papel decisivo que desempenhou para sua derrota, constituíram pilares na gestação da UNASUL e da CELAC, projetando-se essa liderança não só a todos os rincões de nosso continente senão ao mundo inteiro”.

Nestas páginas, unimos nossa homenagem a estes primeiros Cidadãos e Cidadãs Ilustres do MERCOSUL.

:: DIGNIDADES



Estela de Carlotto



No dia 28 de junho de 2011 o MERCOSUL declarou Cidadã Ilustre à presidenta da Associação Avós da Praça de Maio, Estela de Carlotto “em reconhecimento a sua perseverante tarefa na promoção e no respeito irrestrito dos Direitos Humanos, assim como a sua permanente luta pela memória, verdade e justiça”.

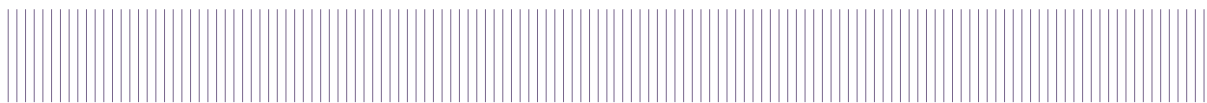
Estela Barnes de Carlotto nasceu no dia 22 de outubro de 1930, apesar de que sua história pública começou junto à pior tragédia do povo argentino. Sua filha Laura foi uma dos milhares de vítimas assassinadas pela ditadura militar que se instalou no país no dia 24 de março de 1976. Estava grávida, e ao igual que muitas outras detidas desaparecidas, permaneceu com vida até o parto do bebê que se produz no Hospital Militar da cidade de Buenos Aires.

O desaparecimento e a posterior morte de Laura provocou a intensa procura do bebê que tinha nascido no dia 28 de junho de 1978. Como em muitos outros casos, essa procura primeiro foi individual e depois coletiva. É assim que Carlotto se une a “Avós Argentinas com Netinhos Desaparecidos” que mais tarde se denominaria “Avós da Praça de Maio”. Soube que sua filha o chamou Guido, e suspeita que hoje permanece apropriado por alguma família muito poderosa ou com certa influência entre os ditadores da época. Esta suspeita está fundada no fato de que o parto não se produziu num centro clandestino de detenção, senão que Laura Carlotto teve o “privilegio” de ser transferida e atendida no Hospital Militar da capital argentina.

Estela, que começou sua procura aos quarenta e oito anos, hoje, com seus oitenta e três, segue procurando a seu neto e mesmo não perdendo as esperanças gosta de dizer que "se eu não chegasse a encontrar a Guido, ficariam eles, os netos das demais avós, que também são meus". Por isso, está orgulhosa da militância e da história das Avós da Praça de Maio com as quais já encontraram cento e nove netos apropriados que puderam recuperar sua verdadeira identidade.

A presidenta da Associação Avós da Praça de Maio tem percorrido o MERCOSUL e o mundo levando sua mensagem de memória, verdade e justiça, convertendo-se num símbolo de luta e de paz reconhecido internacionalmente. Como Cidadã Ilustre regional é um exemplo da trajetória que contribui para fortalecer o pilar dos Direitos Humanos como valor constitutivo do MERCOSUL.

:: GALEANO PRESENTE



No dia 3 de julho de 2008, Montevidéu amanheceu para celebrar no Edifício MERCOSUL ao primeiro Cidadão Ilustre da região. Centenas de pessoas se reuniram para escutar uma vez mais as palavras de um dos escritores mais apaixonados e comprometidos da nossa América:

'Queridos todos. Nossa região é o reino dos paradoxos. Ponhamos o Brasil como exemplo: paradoxalmente, o Aleijadinho, o homem mais feio do Brasil, criou as mais belas obras de arte da época colonial. Paradoxalmente, Garrincha, arruinado desde a infância pela miséria da poliomielite, nascido para a desgraça, foi o jogador que mais alegria ofereceu em toda a história do futebol. E, paradoxalmente, já cumpriu cem anos de idade Oscar Niemeyer, que é o mais novo dos arquitetos e o mais jovem dos brasileiros.

Colocamos o caso da Bolívia. Em 1978 cinco mulheres derrubaram uma ditadura militar. Paradoxalmente toda a Bolívia debochou delas quando iniciaram sua greve de fome. E, paradoxalmente, toda Bolívia terminou jejuando com elas até que a ditadura caiu. Eu conheci a uma dessas cinco teimosas, Domitila Barrios no povoado mineiro de Llallagua. Numa assembleia de obreiros das minas, todos homens, ela se levantou e fez calar a todos: "Quero dizer-lhes isto"- disse, "Nosso inimigo não é o imperialismo, nem a burguesia, nem a burocracia. Nosso inimigo principal é o medo, e o levamos dentro de nós". Anos depois, reencontrei a Domitila em Estocolmo. Ela tinha sido expulsa da Bolívia e tinha ido para o exílio com seus sete filhos. Domitila estava muito agradecida da solidariedade dos suecos e lhes admirava a liberdade, mas tinha pena deles. Tão sozinhos que estavam! Bebendo sozinhos, comendo sozinhos, falando sozinhos! E lhes dava conselhos: "não sejam bobos", lhes dizia, "juntem-se, juntem-se. Nós lá na Bolívia nos juntamos, ainda que seja para brigar, nos juntamos". E quanta razão tinha!

Porque, eu o digo: existem os dentes se não se juntam na boca? Existem os dedos se não se juntam na mão? Juntemo-nos! E não só para defender o preço de nossos produtos, senão também para defender o valor de nossos direitos.

Bem juntos estão, ainda que de vez em quando simulem brigas e disputas, os poucos países ricos que exercem a arrogância sobre todos os demais. Sua riqueza come pobreza e sua arrogância come medo.

Há bem pouquinho, peguemos o caso da Europa, aprovou a lei que converte aos imigrantes em criminais. Paradoxo de paradoxos: Europa, que durante séculos tem invadido o mundo, fecha a porta nos narizes dos invadidos, quando lhe retribuem a visita. E essa lei tem se promulgado com uma assombrosa impunidade, que resultaria inexplicável se não nós estivéssemos acostumados a ser comidos e a viver com medo.

Medo de viver, medo de dizer, medo de ser. Esta nossa região forma parte de uma América Latina organizada para o divórcio de suas partes, para o ódio mútuo e a mútua ignorância. Mas só juntos seremos capazes de descobrir o que podemos ser, contra uma tradição que nos tem adestrado para o medo, a resignação e a solidão e que a cada dia nos ensina a não nós querermos, a cuspir ao espelho, a copiar em vez de criar.

Durante a primeira metade do século dezenove, um venezuelano chamado Simón Rodríguez, andou pelos caminhos da nossa América, no lombo de uma mula, desafiando aos novos donos do poder. “Vocês” – clamava senhor Simón – “vocês, que tanto imitam aos europeus, porque não imitam o mais importante, que é a originalidade? Paradoxalmente, não era escutado por ninguém, este homem que tanto merecia ser escutado. E paradoxalmente, o chamavam “louco”, o “louco” Rodríguez, porque cometia a sensatez de acreditar que devemos pensar com nossa própria cabeça, porque cometia a cordura de propor uma educação para todos e uma América para todos, e dizia que ao que não sabe, qualquer um o engana e ao que não tem, qualquer um o compra, e porque cometia a cordura de duvidar da independência de nossos países recém nascidos. “Não somos donos de nós mesmos” - dizia. “Somos independentes, mas não somos livres”.

Quinze anos depois da morte do “louco” Rodríguez, Paraguai foi exterminado. O único país hispano-americano realmente livre, foi paradoxalmente assassinado em nome da liberdade. Paraguai não estava preso na jaula da dívida externa, porque não devia um centavo a ninguém, e não praticava a mentirosa liberdade de comércio, que nos impunha e nos impõe uma economia de importação e uma cultura de imposição.

Paradoxalmente, ao longo de cinco anos de guerra feroz, entre tanta morte sobreviveu à origem. Segundo a mais antiga de suas tradições, os paraguaios tinham nascido da língua que os nomeou, e entre as ruínas fumegantes, sobreviveu essa língua sagrada, a primeira língua, a língua guarani. E em guarani os paraguaios falam na hora da verdade, que é a hora do amor e do humor. Em guarani, “ñe’é” significa “palavra” e também significa “alma”. Quem mente a palavra trai a alma.

Se te dou minha palavra, me dou.

Um século depois da guerra do Paraguai, um presidente do Chile deu a sua palavra, e se deu. Os aviões cuspiam bombas sobre o palácio do governo, também metralhado pelas tropas de terra. Ele tinha dito: “eu daqui não saio vivo”. Na história latino-americana, é uma frase frequente. Pronunciada por muitos presidentes que depois saíram vivos, para seguir pronunciando-a. Mas essa bala não mentiu. A bala de Salvador Allende não mentiu. Paradoxalmente, uma das principais avenidas de Santiago do Chile se chama ainda 11 de Setembro. Não se chama assim pelas vítimas das Torres Gêmeas de Nova Iorque. Não, se chama assim em homenagem aos carrascos da democracia no Chile. Com todo o respeito por esse país que amo, me atrevo a perguntar, por puro sentido comum: Não seria hora de mudar o nome? Não seria hora de chamá-la Avenida Salvador Allende, em homenagem à dignidade da democracia e à dignidade da palavra?

E, pulando a cordilheira, me pergunto; por que será que o Che Guevara, o argentino mais famoso de todos os tempos, o mais universal dos latino-americanos, tem o costume de seguir nascendo? Paradoxalmente, quanto mais o manipulam, quanto mais o traem, mais nasce. Ele é o mais nascediço de todos. E me pergunto: Não será porque ele dizia o que pensava, e fazia o que dizia? Não será que por isso segue sendo tão extraordinário, neste mundo onde as palavras e os fatos dificilmente se encontram, e quando se encontram não se cumprimentam, porque não se reconhecem?

Os mapas da alma não têm fronteiras e eu sou patriota de várias pátrias. Mas quero culminar esta pequena viagem pelas terras da região, evocando a um homem nascido, como eu, por aqui pertinho. Paradoxalmente, ele morreu faz um século e meio, mas segue sendo meu compatriota mais perigoso. Tão perigoso é que a ditadura militar do Uruguai não pode encontrar nem uma só frase sua que não fosse subversiva, e teve que decorar com datas e nomes de batalhas o mausoléu que erigiu para ofender sua memória.

A ele, que se negou a aceitar que nossa pátria grande se ruísse em pedaços; a ele, que se negou a aceitar que a independência da América fosse uma emboscada contra seus filhos mais pobres, a ele, que foi o verdadeiro primeiro cidadão ilustre desta região, dedicou esta distinção, que recebo em seu nome.

E terminou com palavras que escrevi há algum tempo atrás:

1820, Paso del Boquerón. Sem virar a cabeça, você se afunda no exílio. O vejo, estou vendo-o: se desliza no Paraná com preguiças de lagarto e mais além se afasta flamejando seu poncho esfarrapado, ao trote do cavalo, e se perde no horizonte.

Você não diz adeus a sua terra. Ela não acreditaria. Ou talvez você não saiba, ainda, que se vai para sempre. Acinzentá-se a paisagem. Você se vai, vencido, e sua terra fica sem alento. Devolver-lhe-á a respiração os filhos que nasçam, os amantes que cheguem? Quem dessa terra brote, quem nela entre, se fará digno de tão profunda tristeza?

Sua terra. Nossa terra do sul. Você lhe será muito necessário, senhor José. Cada vez que os ambiciosos a lastimem e a humilhem, cada vez que os bobos a achem muda ou estéril, você lhe fará falta. Porque você, senhor José, senhor José Artigas, general dos simples, é a melhor palavra que ela disse'.

Eduardo Galeano

:: A NOSSO QUERIDO AMIGO E COMPANHEIRO...



Fonte: Poder Executivo do Governo Federal Brasileiro

Com estas palavras a presidente argentina, Cristina Fernández de Kirchner, iniciou no dia 29 de junho de 2012 na Cúpula do MERCOSUL de Mendoza, uma mensagem dirigida ao ex-presidente brasileiro, que continha a voz e o sentimento dos presidentes de Brasil, Chile, Colômbia, Venezuela, Equador, Uruguai e Peru, e continuou:

“Considerando sua inestimável colaboração com a integração regional e seu permanente compromisso com os valores essenciais subjacentes ao MERCOSUL, como são a defesa da democracia, da ordem constitucional, do estado de direito e do respeito irrestrito dos direitos humanos e liberdades fundamentais.

Valorizando, em igual sentido, a função desempenhada no aprofundamento dos laços históricos, políticos e culturais entre os povos da região e sua liderança e vocação de serviço em prol da integração da América Latina e Caribe em seu conjunto.

O MERCOSUL e os Estados Associados declaram:

Cidadão Ilustre do MERCOSUL ao Senhor ex-presidente da República Federativa do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva”.

Lula foi obreiro metalúrgico, sindicalista, a meados dos anos 70 exerceu a presidência do sindicato dos obreiros da metalurgia. Foi um dos participantes mais destacados das greves brasileiras que durante a ditadura aceleraram a caída do regime. Candidatou-se à presidência do Brasil em várias ocasiões, porém somente em 2003 resultou vencedor. Em seus oito anos como Chefe de Estado do Brasil, fez reformas e mudanças radicais que produziram a transformação social e econômica do país, ao ponto de se converter em uma potência mundial.

Em janeiro de 2007 na cidade do Rio de Janeiro, em exercício da Presidência do Brasil e da Pro Témporte do MERCOSUL, instalou o Foro Consultivo de Municípios, Províncias, Estados Federados e Departamentos do MERCOSUL. Nessa oportunidade ressaltou a função dos governos locais na construção do processo de integração.

Com Lula como presidente, mais de 20 milhões de pessoas do Brasil saíram da linha da pobreza extrema.

:: ARQUITETURA DO COMPROMISSO



Por Nazareno Russo, fotógrafo*

“Não é o ângulo oblíquo que me atrai, nem a linha reta, dura, inflexível, criada pelo homem. O que me atrai é a curva livre e sensual, a curva que encontro nas montanhas do meu país, no curso sinuoso de seus rios, nas ondas do mar, no corpo da mulher preferida. De curvas é feito todo o universo, o universo curvo de Einstein”.

(Oscar Niemeyer)

Oscar Niemeyer nasceu no Rio de Janeiro em 1907, no bairro Laranjeiras, passando sua primeira juventude como um típico boêmio carioca daquela época. Formou-se em arquitetura na Universidade do Brasil em 1935, e começou sua carreira trabalhando com um dos mais reconhecidos arquitetos contemporâneos, Le Corbusier.

Em 1945, já com certo prestígio profissional reconhecido, se uniu ao Partido Comunista do Brasil, ideologia que defendeu com paixão durante toda sua vida.

Prolífico trabalhador, sua obra transcendeu fronteiras, conhecendo-se em todo o mundo por seus desenhos monumentais, generosos espaços e amplas curvas de linhas ondulantes.

Foi escolhido para projetar todos os prédios oficiais da cidade de Brasília, quando em 1960, Brasil trasladou sua capital desde Rio de Janeiro a esta cidade.

Sempre trabalhou indistintamente em sua terra e no estrangeiro, deixando seu legado em Alemanha, Grã-Bretanha, Itália, Argélia, França, e entre outros países.

Ao longo de seus 104 anos, Oscar Niemeyer foi deixando uma obra digna de admiração. Seus traços futuristas, descritos por ele mesmo como uma “arquitetura da invenção” o fizeram internacionalmente conhecido e seus projetos arquitetônicos se converteram em postais das mais diversas cidades.

Em 1988, ganhou o Prêmio Pritzker, considerado como o “Prêmio Nobel da Arquitetura” pela Catedral de Brasília.

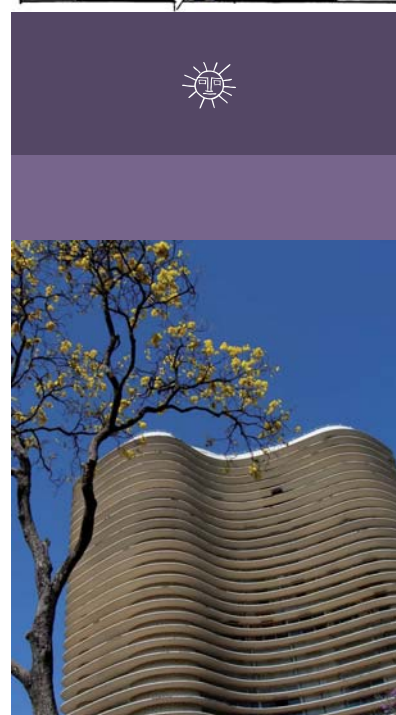


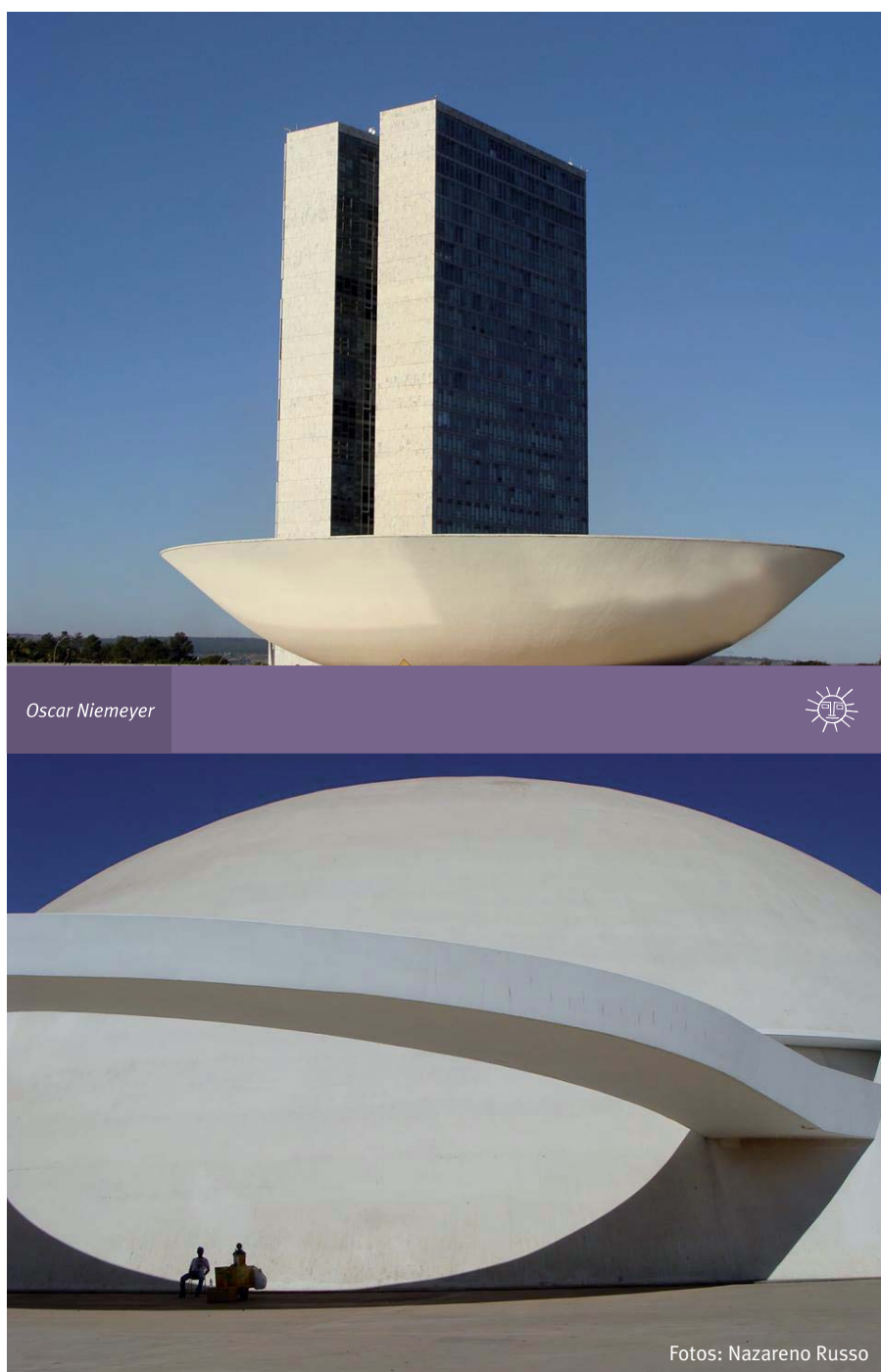
Foto: Nazareno Russo

* Nazareno Russo nasceu em 1974 na Cidade de Buenos Aires. Iniciou-se em fotografia em 1998, na oficina da fotógrafa Rosa Revsin. Atualmente, frequenta a oficina que coordena o fotógrafo Juan Travnik. Construiu a maior parte de sua obra durante suas viagens. Percorreu a América Latina (Argentina, Brasil, Cuba, Bolívia, Venezuela, Guatemala, Uruguai, Colômbia e Paraguai), Espanha, França, Grécia e Egito, retratando a vida cotidiana dos distintos povos. Realizou numerosas mostras individuais e coletivas em Argentina, Bolívia, Cuba e Paraguai. As fotos que ilustram estas páginas são de sua autoria. www.nazarenorosso.com.ar, naza_russo@hotmail.com

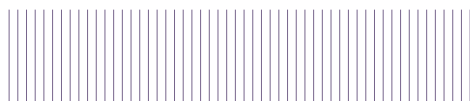
Além disso, foi um apaixonado defensor das causas sociais e dos valores pessoais, compromisso que também plasmava em suas realizações, como por exemplo, a “Praça Niemeyer” na Havana, com a que homenageou seu amigo Fidel Castro, ou a sede do Partido Comunista em Paris, onde se viu obrigado a viver exilado durante grande parte da ditadura militar do Brasil (1964-1985).

Apoiou a causa militante dos camponeses do movimento “sem terra” e se proclamou como um grande admirador de Luiz Inácio “Lula” da Silva e do presidente da Venezuela, Hugo Chávez.

Em sua obra e em sua vida, Niemeyer defendeu sempre a lealdade a seus princípios e a fidelidade de seu compromisso, como ele mesmo diz: “Quando olho para trás, vejo que não fiz concessões e que segui o bom caminho. Isso é o que me dá uma certa tranquilidade”.



:: RESOLUÇÃO FCCR SOBRE KIRCHNER E CHÁVEZ



Puerto Ordaz, 2 de setembro de 2013.

VISTO: o falecimento do presidente da República Bolivariana da Venezuela, Senhor Hugo Chávez Frías, ocorrido no dia 5 de março de 2013; e

CONSIDERANDO

Que dirigiu os destinos da Venezuela desde 1999, consagrando sua vida ao desenvolvimento deste país;

Que sua convicção e compromisso com os povos da América o converteram -sem dúvidas- em um verdadeiro líder da integração regional;

Sua indeclinável posição contra o pretendido domínio regional do ALCA e do papel decisivo que desempenhou para sua derrota, constituíram pilares na gestação da UNASUL e CELAC, projetando essa liderança não só a todos os cantos do nosso continente senão ao mundo inteiro;

Sua concepção da realidade regional que o levou a promover e lograr a integração regional e insistir em solicitar o ingresso da Venezuela ao MERCOSUL, fato que se ocorreu e pode presenciar;

Que foi um lutador incansável a favor da inclusão social em seu país, e deixou impregnada sua luta constante pela justiça social e pelo respeito à democracia;

A lembrança e afeto permanente do FCCR para o Comandante Chávez;

Por isso:

O Comitê dos Municípios, em função de suas competências, recomenda à PPTVe do FCCR:

Artigo 1º: Elevar ao GMC e, por seu intermédio, a quem corresponda, a proposta de Declaração de Cidadão Ilustre do MERCOSUL post mortem do ex-presidente da República Bolivariana da Venezuela, Hugo Chávez Frías.-

Artigo 2º: de forma.-

Puerto Ordaz, 2 de setembro de 2013.

VISTO: o falecimento do ex-presidente da República Argentina, Senhor Néstor Carlos Kirchner, ocorrido no dia 27 de outubro de 2010; e

CONSIDERANDO

Que dirigiu os destinos da República Argentina, pelo período 2003-2007, consagrando sua vida ao desenvolvimento deste país com base na inclusão social, na integração regional e, portanto, na unidade latino-americana;

Sua vocação de apaixonado lutador e defensor da justiça, que se evidenciou em momentos cruciais da história recente de nossa América do Sul, favorecendo sempre a preservação do MERCOSUL e da UNASUL como zona de paz, propiciando o diálogo entre povos irmãos, como foi na disputa entre a República Bolivariana da Venezuela e Colômbia;

Que foi um defensor incansável dos direitos humanos;

Que foi o primeiro Secretário Geral da UNASUL;

Que, em tal caráter, trabalhou com respeito pela pluralidade democrática na região em uma tarefa a favor de uma integração cada vez mais efetiva;

Sua indeclinável posição contra o pretendido domínio regional do ALCA e do papel decisivo que desempenhou para sua derrota, constituíram pilares na gestação da UNASUL e CELAC, projetando essa liderança não só a todos os cantos do nosso continente senão ao mundo inteiro;

A lembrança e afeto permanente do FCCR para o ex-presidente Kirchner;

POR ISSO:

O Comitê dos Municípios, em função de suas competências, recomenda à PPTVe do FCCR:

Artigo 1º: Elevar ao GMC e, por seu intermédio, a quem corresponda, a proposta de Declaração de Cidadão Ilustre do MERCOSUL post mortem do ex-presidente da República Argentina, Néstor Carlos Kirchner.-

Artigo 2º: de forma.



Trampa para pájaros, Leandro Manzo.

:: O DESAFIO DE UM MERCOSUL PARA O SÉCULO 21



por Jeferson Miola *



É lugar comum a noção de que o MERCOSUL avançou nos últimos 11 anos em perspectivas distintas do projeto original de 1991. Essa assertiva é parcialmente comprovável.

A partir de 2003, mudanças substantivas foram propostas pelas autoridades presidenciais e vêm sendo parcialmente executadas. A criação do FOCEM, revelando uma consciência estratégica para o enfrentamento das assimetrias, é uma das mais significativas. Outras propostas igualmente essenciais, como o Estatuto da Cidadania e o Plano Estratégico de Ação Social ainda carecem, todavia, de esforços para se tornarem realidade.

O comércio intrabloco foi multiplicado por dez. É um comércio de qualidade superior, porque baseado em manufaturas. Entretanto, segue sendo dominado por empresas transnacionais, com o predomínio de transações intra-firmas e com a preponderância de setores oligopolizados. As cadeias locais de produção daqueles setores agregadores de valor, de trabalho e renda das economias nacionais, são residuais na lógica comercial do MERCOSUL.

É amplamente compartilhado o diagnóstico de que, no auge da atual crise capitalista mundial, além das medidas anticíclicas adotadas por cada país, o MERCOSUL foi fator adicional de proteção das nossas economias diante dos efeitos deletérios dela decorrentes.

Por outro lado, é muito difundida nos meios acadêmicos, sociais e políticos a percepção de que o MERCOSUL, apesar de ser o epicentro da integração sul-americana, não tem aproveitado as circunstâncias políticas favoráveis propiciadas pelos atuais governos progressistas. E, por isso, não tem conseguido avançar como poderia na construção de uma verdadeira comunidade de povos e nações.

É perceptível o descompasso entre o estágio atual do bloco e as visões das autoridades presidenciais, que reclamam o aprofundamento da integração em todas suas dimensões, especialmente nos seus pilares econômicos e de uma estratégia de desenvolvimento com políticas de igualdade e direitos sociais.

A realidade dessa segunda década do século 21 é muito diferente da época de fundação do MERCOSUL, da globalização neoliberal. A natureza dos atuais governos da região é oposta a dos governos estabelecidos àquela época; realidade que abre novas possibilidades para um projeto de integração não dominado pelo “Deus-mercado” e pelas transações dos mega-conglomerados transnacionais.

Entretanto, essa possibilidade não tem sido aproveitada na sua plenitude. Se for verdadeira a percepção de que os países do bloco têm conseguido avançar domesticamente na implementação de agendas pós-neoliberais, também é verossímil constatar que no plano comunitário do MERCOSUL se está na metade do percurso.

* Exerce a função de diretor da Secretaria do MERCOSUL em Montevideú. Esse artigo expressa opiniões de caráter estritamente pessoal.

O soçobramento da ALCA confirma essa mudança da perspectiva de integração para a região. Contudo, o fim daquele projeto evidencia que ainda há muito a se caminhar para a construção de uma integração abrangente e profunda.

Os tempos políticos atuais, de importante confluência política e programática entre os governos nacionais, permitiria avançar-se na construção do novo MERCOSUL - o MERCOSUL do século 21 - com mais profundidade e com maior velocidade.

O desperdício dessas circunstâncias históricas, por outro lado, mais que significar o desaproveitamento de possibilidades, poderá custar um revés geopolítico e estratégico para a região e, assim, diminuir sua expressão na defesa de um mundo multipolar, pacífico, de respeito à autodeterminação, à soberania e à independência dos povos e nações.

Os distintos projetos “livre-comercistas” seguem sendo articulados de maneira muito vigorosa e dinâmica. No continente sul-americano, a Aliança do Pacífico é clara expressão desse dinamismo. Esse projeto reflete a crescente retomada dos interesses das potências imperiais na região, notadamente dos EUA, para converterem o território de 17 milhões de quilômetros quadrados e 400 milhões de habitantes em mercado para a expansão e domínio de suas economias.

Nesse contexto, o aprofundamento da construção do MERCOSUL em todas as dimensões, mas especialmente as políticas, culturais e econômicas, é um imperativo para a construção de uma estratégia de desenvolvimento sul-americano com igualdade e justiça social.



Arca, Leandro Manzo



:: MERCOSUL EM CRESCIMENTO



Iván Ramalho, na cidade de Quilmes, Argentina

∴ Palavras pronunciadas pelo **alto representante geral do MERCOSUL, Iván Ramalho**, na cidade de Quilmes, Argentina, onde foi declarado Hóspede de Honra

“Cada vez que tenho uma oportunidade como esta, me interessa destacar alguns dados que considero significativos sobre o MERCOSUL.

Primeiro que nada o Produto Bruto Interno dos cinco países do MERCOSUL, acumulado, alcança hoje mais de 3,3 bilhões de dólares, representando 83% do PBI de toda a América do Sul. Este é o MERCOSUL que temos hoje: 83% de toda a América do Sul!

Gostaria de destacar também que é um território de mais de doze milhões de quilômetros quadrados que se estende desde o Caribe até o sul da Patagônia. Com isso, nosso bloco dispõe de uma estrutura geográfica invejável com grandes riquezas naturais e grande diversidade de climas e solos, assim como uma extensa variedade de alimentos e fontes energéticas.

Além disso, me parece muito importante destacar que o MERCOSUL está passando por um momento de expressivo crescimento. Depois do ingresso venezuelano como membro pleno, temos agora confirmado o avanço da Bolívia que se encontra trabalhando nos aspectos normativos. Assim como tem um grupo de trabalho para o ingresso do Equador, e já estão assinados os protocolos de adesão como associados de Suriname e Guiana.

Portanto, fica claro que o MERCOSUL não está paralisado como muitos dizem, fundamentalmente na imprensa de alguns países, sobretudo do Brasil; isso não é verdade. Estamos em processo de crescimento com o ingresso de novos sócios, estou convencido disso. Amplia-se o MERCOSUL desde todo o território e isto será muito importante, sobretudo para novos investimentos, porque, por exemplo, quem hoje investe na Argentina, tem um mercado muito mais amplo que segue em crescimento com o ingresso de outros países, inegavelmente.

Acho muito importante lembrar que não é somente uma área de livre comércio. Não é apenas um mercado de produtos que serão exportados ou importados. Afirmo sempre que o MERCOSUL tem uma agenda conjunta de cidadania muito vasta.

É nesse sentido, que quero convidar a todos e todas a se interiorizar, ler e conhecer um pouco mais de tudo o que vem se fazendo na área social e na área da cidadania. Quero que as pessoas de outros blocos, de outros países saibam que acima de tudo, nós somos uma grande associação que não se limita ao comércio. Nossa associação também tem muitos outros interesses.

Acho que com a Rede de Mercocidades podemos fazer muito mais para a área social, para a cidadania regional e não só para a área comercial e de investimentos.

Quero dizer que é uma honra estar aqui com vocês, agradece-lhes por esta gentileza de me declararem Hóspede de Honra, que eu vou levar comigo sempre com muito carinho, e espero retornar para visitá-los novamente em Quilmes. Muito obrigado”.

:: A CIDADE E A UNIVERSIDADE NA DIFÍCIL BATALHA PELA INTEGRAÇÃO REGIONAL



*Por Rodrigo Arocena **



A integração – regional, sub-regional, supra-regional – é o sonho desesperançado da América Latina. Uma e outra vez voltamos a sonhá-lo, entre fanfarrices que chamam a uma nova arquitetura integradora e discursos de ocasião. Porém, todos sabemos que se trata desses sonhos que precedem aos despertares em cinzas amanheceres, marcados por conflitos entre países que se dizem irmãos e a aparentemente inelutável primazia de interesses setoriais. Tempo é este para prestar atenção a processos menos celebrados, porém mais profundos, nos que se vão construindo identidades compartilhadas.

Um desses processos é a conjunção de esforços entre cidades e universidades para pôr o conhecimento avançado ao serviço da melhora da qualidade de vida das pessoas. Essa conjunção afunda suas raízes na melhor história tanto da cidade como da universidade. Esta última surgiu precisamente quando, há uns oitocentos anos, o renascimento das cidades na Europa começava a romper a ordem feudal. Nas pequenas cidades de então, os servos escapados dos feudos podiam encontrar proteção, pelo que se dizia que “o ar da cidade faz livre ao homem”. Apesar de que rapidamente as universidades se converteram em servidoras dos poderes constituídos, algumas chegaram a questionar, ao menos inicialmente, às ortodoxias imperantes.

Hoje, prevalece o que cabe denominar a sociedade capitalista do conhecimento. Os países “centrais” e os grupos sociais favorecidos encontram no conhecimento avançado e na educação superior um recurso chave para seu domínio, no âmbito de relações sociais do tipo capitalista, que incentivam à privatização do conhecimento e da educação. A questão decisiva para enfrentar tamanha tendência, e impedir que prevaleça sem maiores obstáculos, é armar grandes confluências de atores institucionais e sociais que, por diversos motivos, coincidam em incentivar a democratização do conhecimento e seu caráter de bem público.

* Reitor da Universidade da República, Uruguai

Este último significa nada mais, e nada menos, que levantar as bandeiras do acesso aberto à Educação Superior e do uso do conhecimento “de ponta” diante de tudo para atender os problemas dos setores mais postergados. As cidades em que a vocação progressista se expressa majoritariamente e as instituições educativas que reivindicam o ideal propriamente latino-americano da universidade socialmente comprometida podem exemplificar uma aliança das quais são necessárias para a democratização do conhecimento.

Juntas, cidades e universidades, podemos mostrar-lhes alguns fatos a nossos compatriotas, muitas vezes desinformados, e a nossos governos, frequentemente descrentes das capacidades latino-americanas para gerar e usar conhecimento de ponta. Podemos mostrar-lhes que armamos e implementamos projetos concretos, para possibilitar que mais estudantes acessem efetivamente à educação terciária e que mais conhecimento se use para apoiar aos pequenos produtores, para resolver problemas da vida urbana, para estimular todas as dimensões da cultura. Nesses projetos, veteranos e jovens de distintos cantos da região podem construir integração trabalhando juntos.

Quando essas alianças, como a que estão construindo a Rede de Mercocidades e a Associação de Universidades Grupo Montevideú (AUGM), vão se fortalecendo muito mais nos fatos que nos ditos, se começará a compreender que uma via real para a integração em nosso tempo passa por unir esforços para a expansão e a democratização do conhecimento.

II ENCONTRO DE CIDADES E UNIVERSIDADES

No mês de julho de 2013, realizou-se o II Encontro de Cidades e Universidades, na cidade de Montevideú, cujo objetivo primordial foi fortalecer e dinamizar os processos de vinculação, cooperação, transferência e gestão entre o sistema universitário e os governos locais da região, como modo de contribuição para o desenvolvimento integral dos territórios de referência da AUGM e de Mercocidades, neste sentido, concretizou-se uma jornada de trabalho entre representantes de Unidades Temáticas de Mercocidades e Núcleos Disciplinares, Comitês Acadêmicos e Comissões Permanentes da AUGM.

Mais de 65 experiências de vinculação Universidades–Governos Locais foram apresentadas durante o encontro, das quais se destacaram as seguintes temáticas: Inclusão Social / Políticas Públicas, Planejamento Urbano e Gestão Territorial, Políticas e Gestão Cultural, Políticas e Gestão Ambiental, Desenvolvimento Local / Territorial, Saúde Pública, Construção e Cidadania / Direitos Humanos, Energia, Infraestrutura e Redes de Comunicação, Integração de Fronteiras.

Os trabalhos apresentados farão parte do banco de boas práticas que mantém o Observatório Urbano de Transferências e Inovações Tecnológico-Sociais desenvolvido entre AUGM e Mercocidades.

O diálogo e a elaboração de propostas foram obtidos com base na convicção compartilhada entre ambas as redes, respeito à necessidade de articulação para a abordagem de novas realidades. A relevância e benefício da colaboração do conhecimento gerado pela Universidade pública da região na resolução de problemas das cidades.



:: DIREITOS E DEMOCRACIA PARA METRÓPOLES SOLIDÁRIAS E SUSTENTÁVEIS



*Por Jairo Jorge da Silva **

A revolução urbana que observamos em todo o mundo e que se traduz pela explosão do número de habitantes nas cidades traz reflexos sobre os governos locais e nos coloca novos desafios que rompem as fronteiras municipais e emergem com as metrópoles como a mobilidade, a segurança, a saúde, a educação e o meio ambiente. As cidades são o motor da nova economia global e interdependente.

A busca de novas políticas que possam enfrentar estas questões metropolitanas é o desafio da atualidade. A articulação em redes de cidades é um caminho que possibilita o fortalecimento da democracia e a consolidação de novos instrumentos de governança diante das oportunidades que surgem com a urbanização e a metropolização.

Em dez anos de existência, a rede FALP – Fórum de Autoridades Locais de Periferia, que nasceu em 2003 no marco do Fórum Social Mundial e do Fórum de Autoridades Locais pela Inclusão Social e a Democracia Participativa, propõe um novo paradigma de espaço metropolitano, baseado na policentralidade, na solidariedade, na democracia, na sustentabilidade, na interculturalidade, na inclusão social e na defesa dos direitos. Dessa forma, estamos fortalecendo a participação cidadã e reforçando os poderes públicos locais, construindo uma rede ampla e aberta de autoridades locais, substituindo modelos rígidos, centralizados e burocráticos, por uma organização horizontal e democrática.

Assim como a Rede Mercocidades, a Rede FALP é uma criação de governos locais que buscam a integração, a troca de experiências e de conhecimento como ferramenta para construir cidades e regiões metropolitanas mais humanas, mais sustentáveis e democráticas. A Rede Mercocidades, nesse sentido, foi colaboradora fundamental na realização da terceira edição mundial do FALP.

Nos dias 11, 12 e 13 de junho de 2013 Canoas, área metropolitana de Porto Alegre, no Brasil, sediou o III Fórum Mundial das Autoridades Locais de Periferia reunindo autoridades locais periféricas e metropolitanas, representantes das redes de poderes locais, dos movimentos sociais e populares, acadêmicos e investigadores de universidades. Participaram mais de 2.500 representantes de 200 cidades, 30 países, cinco continentes para discutir sobre “Direitos e Democracia para Metrôpoles Solidárias e Sustentáveis” e construir um novo futuro para nossos territórios e seus habitantes.

* Jairo Jorge, 50 anos, é jornalista. De 1993 ao ano 2000, exerceu a profissão em várias cadeias de televisão. Em 1988 foi eleito vereador mais votado pelo Partido dos Trabalhadores do interior da Província do Rio Grande do Sul, Brasil. Em 2003 foi secretário adjunto da Secretaria Especial do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social da Presidência da República. Também ocupou os cargos de Chefe de Gabinete e Secretário Executivo do Ministério de Educação. Até o ano de 2008 o prefeito de Canoas foi Pró Reitor de Assuntos Comunitários da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) e faz mais de 20 anos que atua na vida pública. Jairo Jorge foi eleito prefeito de Canoas em 2008, desde quando construiu uma gestão participativa, inovadora e transparente que resultou em grandes mudanças na cidade. Em 2012 foi reeleito com 71,27% dos votos, a sexta votação mais alta de Brasil e a maior da região sul. Secretária Executiva da Rede FALP.

Para a Rede FALP, o caminho para o direito à cidade e para mais democracia é reconhecer o papel dos cidadãos e reforçar a visibilidade das periferias no debate da construção metropolitana, para que cada uma e cada um vivam em um território que contribua para um projeto comum. Os caminhos para metrópoles inclusivas, solidárias, sustentáveis e democráticas estão para ser inventados por suas cidadãs e cidadãos.

Os governos locais são os articuladores deste outro mundo possível, que começa nas cidades.



Jairo Jorge no II Falp organizado pela cidade de Canoas

A CULTURA CONSTRÓI INTEGRAÇÃO REGIONAL

DIALOGO

Recorte da obra "La educación", Juan Bauk



:: A CULTURA NOS MUNICÍPIOS



*Por Evangelina Ramírez **



Quando projetamos a realização do II Fórum Ibero-Americano de Políticas Culturais no Âmbito Municipal e Local no Município de Quilmes, desejávamos propiciar umas jornadas de encontro e diálogo sobre a agenda cultural compartilhada pelas distintas cidades e países com os quais viemos percorrendo um caminho comum. Tentamos organizar mesas de exposições, forjar espaços de participação e representação de todas as vozes para enriquecer o encontro.

As expectativas foram amplamente superadas. Durante os dias que ocorreu o Fórum - 27 e 28 de novembro- nossa cidade foi anfitriã de diversos atores sociais internacionais da Cultura e da Comunicação, que compartilharam o desafio de trocar posições e opiniões sobre diversos temas vinculados à cultura.

Um dos eixos abordados foi o desenvolvimento e impacto local das Indústrias Culturais. Pontualmente se desenvolveu a discussão sobre a Indústria Audiovisual, a produção de conteúdos e a necessidade de democratização que existe depois de várias décadas de empresas monopólicas definindo o que vemos e como o vemos nas telas pequenas e grandes. No cenário da implementação, na Argentina a Lei de Serviços de Comunicação Audiovisual N° 26522, achamos fundamental mostrar o caminho andado e por vir, em relação ao desafio que apresenta a construção de uma lei plural e democrática.

A segunda parte do Fórum foi dedicada a outro tema sobre o que viemos trabalhando muitas cidades: “Integração Regional, Cooperação Cultural e trabalho em Redes”.

Quisemos – além de debater e trocar opiniões - que a agenda comum estabelecida nos permitisse avançar em acordos específicos de trabalho e integração regional. E neste ponto, Mercocidades representa uma ferramenta capaz de potencializar os pontos de encontro, de fortalecer as redes de solidariedade entre povos irmãos, de construir as pontes necessárias para que os atores e protagonistas que trabalhamos em prol da integração, nos encontremos. O Fórum, sem dúvida, se converteu numa ferramenta estratégica para as cidades, não só pela importância do encontro e pelo debate que são sempre bem-vindos, senão porque gerou uma forte contribuição para a integração regional, para a cooperação internacional nesta permanente construção de cidades mais justas, mais solidárias, mais sustentáveis.

* Secretária de Educação e Cultura do Município de Quilmes

:: A VOZ DA RÁDIO NA CÚPULA DE QUILMES



*Por Víctor Hugo Morales **



Último dia de novembro de 2012. Sexta-feira, ensolarada e calorosa. Perto do fim de semana, acordar mais cedo que de costume para esperar a que meu amigo Mario Cavallero junto a minha produtora Fabiana Segovia passem para me buscar para percorrer os 20 quilômetros que nos separam até chegar a conurbação bonaerense para fazer meu programa “La Mañana” com um estilo bem rio-platense.

O destino: Quilmes, a charmosa cervejaria, onde tantos amigos temos depois de anos de relação comercial por serem patrocinadores nas transmissões de futebol da rádio Continental.

Com uma excelente desculpa para transmitir o programa de rádio desde ali: a partir do dia posterior o Município de Quilmes ia ocupar a Secretaria Executiva da Rede de Mercocidades, a principal rede de municípios do MERCOSUL.

“Para uma cultura de integração regional”, o lema da Cúpula. Impossível ignorar isto para alguém que nasceu em Cardona, uma cidade uruguaia do departamento de Soriano, sede do município homônimo, de aproximadamente cinco mil habitantes.

Alguém que de adolescente teve que ir trabalhar em Montevideú. E de ali a Buenos Aires. Nesta 17ª Cúpula realizada em Quilmes achei unidos os destinos onde desenvolvi minha vida profissional e econômica: Montevideú lhe traspassou o mandato da Secretaria Executiva da Rede de Mercocidades a Quilmes, uma das mais lindas cidades de uma Argentina que sempre me adotou como rio-platense.

Poucas vezes achei tão bem intencionados os objetivos de uma Cúpula. A ênfase em afiançar as relações entre os municípios, e em desenvolver atividades em conjunto, que incluía desde potencializar o turismo regional, passando por difundir uma cultura bem da Pátria Grande, sem descuidar as preocupações contra as desigualdades, tema que está na agenda para ser combatido.

Em resumo: a união e o trabalho dos pagamentos pequenos para que não se repita o constante saqueio de recursos naturais que sofreu o continente latino-americano ao longo de sua história nas mãos de nações colonialistas, algo que Eduardo Galeano descreveu tão bem com suas crônicas e narrações em “As veias abertas da América Latina”.

Cumprimento com afeto a todos os participantes que se uniram nesta Cúpula e que o farão no próximo dia 27 de novembro em Porto Alegre para discutir e debater sobre políticas públicas que sirvam para que o MERCOSUL esteja cada dia mais unido.

* Apresentador de “Bajada de Línea” (2010-2013) Canal 9, Televisão aberta, Argentina e de “El Primer Clásico del Domingo: Astor Piazzolla”, pela Rádio Nacional AM 870, Argentina. Consagrou-se como o maior relator esportivo de língua espanhola. Inclusive foi contratado por rádios europeias para a transmissão de importantes competições. Atualmente, é um dos comunicadores mais importante da América Latina. Realiza há 20 anos um discurso crítico dos meios de comunicação concentrados, luta que lhe deu um reconhecimento de seus pares, do público e até do poder político.

:: O TEATRO COMO FERRAMENTA PARA PROMOVER REDES DESDE O CULTURAL



Por Martín Marcou *



*“Atores somos todos nós, o cidadão não é aquele que mora em sociedade: é aquele que a transforma!”
(Augusto Boal)*

Tem que se falar mais sobre o **Teatro** publicamente.

O tempo passou e o teatro segue sendo uma atividade frutífera que iguala e une aos povos, continua oficiando como um poderoso construtor de redes na comunicação entre cidades e países, atravessando distâncias geográficas colossais e compartilhando processos de globalização acompanhando novos enfoques na comunicação.

Em agosto passado se realizou na Cidade Autônoma de Buenos Aires o primeiro *Fórum Internacional sobre os Desafios da Direção Cênica na Integração Latino-Americana*, do qual participei como expositor, mostrando a minha construção territorial como **Dramaturgo** e Ativador Cultural. O evento convocou a representantes da área teatral de Argentina, Venezuela, Chile e Uruguai, e teve como objetivo traçar um mapa geopolítico sobre a atualidade do teatro latino-americano, exercitando uma visão sensível ante as problemáticas que cada expositor apresentou, com a intenção de efetivar projetos em comum. Um dos principais eixos temáticos do encontro esteve centralizado na integração regional latino-americana, utilizando o Teatro como plataforma para fortalecer identidades e promover através da prática teatral a inclusão social.

Trabalhou-se pensando na cooperação entre os grupos teatrais das distintas cidades às quais pertencemos. Refletimos sobre a experiência teatral, a pesquisa, a realização, os métodos de produção e de representação utilizados em nossos âmbitos. Situou-se o papel do Estado enquanto as linhas de financiamento, indagamos sobre a busca de novos públicos e ensaiamos formas de trabalhar para que o Teatro esteja nas ruas. Outros dos debates mais atrativos que abriu o encontro foi a luta antagônica entre o local e o estrangeiro. Entre o costume de realizar montagens de autores estrangeiros e o desejo de começar a valorizar a autores emergentes que se salientam na região.

Concluiu-se através da troca de opiniões, que o teatro sul-americano segue relacionado basicamente com potencializar a expressividade por encima da técnica, e que na busca de novas linguagens, coloca atualmente dentro de suas temáticas prediletas a figuras políticas fundamentais da história dos povos do MERCOSUL. Isto representa claramente um símbolo de mudança e uma manifestação dos signos do tempo político - cultural que atravessamos.

* Argentino. Nascido na província de Santa Cruz, é autor e diretor teatral, diretor e produtor de cinema e televisão, docente, corretor literário e licenciado em ensino das artes audiovisuais. Tem recebido prêmios e distinções por seus espetáculos. Durante 7 anos foi diretor artístico da companhia de Teatro Crudo com a qual montou dez espetáculos. Militante e ativista pelos direitos das minorias sexuais, é um dos referentes indiscutidos deste gênero dentro da movida teatral. Seus espetáculos foram montados em Argentina, Chile, Venezuela, Equador, Porto Rico e África do Sul.

O **Teatro** atual na América do Sul, manifesta claramente em sua expressão, a intenção de traçar pegadas, buscar novos rumos e caminhos que organizem maneiras de pensarmos identitariamente e pôr em palavras, imagens e música, interesses vinculados com as culturas mais próximas, escapando assim da lógica do teatro canonizado por manuais disciplinadores, que sobrevalorizam linguagens forasteiras. Poder-se-ia dizer então, numa primeira análise, que se dá valor à busca de um Teatro como ensaio sociológico de sutileza temporal apelando à história recente e dando-lhe um novo significado.

O **Teatro** deve ter um espírito antimonopólico, pôr limites às posições dominantes, por isso é muito importante a participação de todos os atores sociais. Devemos criar redes de contenção que aproximem a disciplina ao cidadão comum, com a firme intenção de validar espaços de troca e sustentabilidade. Dar protagonismo aos cidadãos é fortalecer sua liberdade de expressão. Novas vozes, novas visões, novas linguagens devem materializar expressivamente o modelo que vem se projetando no MERCOSUL. Tem que se acompanhar esta mudança significativa com ações concretas desde o Teatro, gerando conteúdos e construindo coletivamente novos modelos de tendência, em função das realidades que nos circundam.

O **Teatro** deve funcionar como o testamento vivo de um povo. Os dramaturgos deveríamos assumir como agentes provocadores, capazes de transmitir uma ideologia dramática que transcenda as técnicas da arte “fort export”. Conhecermos a nós mesmos através da arte, é conhecer nosso tempo, o mundo em que vivemos. Sendo conscientes destes elementos, podemos trabalhar para transformá-lo.

O futuro também pode ser construído permitindo a troca entre os campos do fato cênico e da comunidade. As aprendizagens coletivas são fundamentais, o **Teatro** deve alcançar um caráter eminentemente popular.

Luto por um **Teatro** insuportável com expressões que mostrem, que não seja conformista, que promova a reflexão. Estar cômodos debilita, tira a possibilidade de experiências. Quero espaços vivos, em contraste com espaços mortos e sombrios que não modificam a estética cênica. Tem que se buscar um **Teatro** de lucidez que emocione, que faça circular o conhecimento, agitador, onde o espectador não se aborreça. Um espaço de ideias rebeldes, já que às vezes a melhor maneira de se vincular com as mensagens que nos vão deixando as ações políticas, é atacando-as, problematizando-as.

É nosso desafio como criadores buscar um **Teatro** de audácia e provocação, que conjugue visibilidade, diversidade, inclusão, perguntas abertas, ideias em sua comunicação, sutileza e brutalidade, beleza e debate. Temos a obrigação de romper com os grandes modelos imperantes, subverter o estabelecido e criar o campo propício para encontrarmos como povos e celebrar nossas irmandades, já que o **Teatro** segue mostrando através dos séculos que todas as relações humanas finalmente se estruturam de forma teatral, confrontando ideias e paixões. O progresso sempre está em nós.

:: ENTENDENDO AO TURISMO



Por *Álvaro Bertoni* *



Cultura, cidades, territórios

Cada vez mais são as pessoas que entendem ao Turismo como um conjunto de atividades, relações e intercâmbios culturais que se geram a partir de que as pessoas têm a necessidade de se deslocar temporária e voluntariamente, por motivos diversos, fora de seu lugar de residência.

É por isso, que entendendo ao Turismo desde esta perspectiva, não podemos deixar de reconhecê-lo como um sistema complexo, que no último século e sobretudo nas últimas décadas, tem tomado relevância mundial. Não só graças ao grande desenvolvimento dos meios de transporte, das tecnologias da informação e comunicação, senão e sobretudo, pelo valor econômico, social e cultural que implica para as pessoas, comunidades e países.

Por estas razões, acreditamos que não é só necessário pôr ênfase nas principais necessidades a satisfazer (traslado, alojamento, alimentação), senão também, nos motivos pelos quais as pessoas se deslocam. Motivos que em maior ou menor medida, são sempre culturais.

De acordo a esta visão, e no marco do acordo assinado em 13 outubro de 2011 entre a Secretaria de Turismo de Porto Alegre e a Direção Geral de Turismo de Maldonado, a Unidade Temática de Turismo de Mercocidades (UTT) começou a trabalhar num projeto de integração turística que propendesse à articulação da oferta turística regional e sua valorização; com os objetivos de fomentar, facilitar e dinamizar o turismo nas comunidades e seus territórios.

Oportunidade e articulação

Na reunião da UTT realizada em Canela (RS), no dia 17 de novembro de 2011, por primeira vez se expôs a necessidade de trabalhar na articulação de serviços e produtos em função da Copa do Mundo Brasil 2014. Evento que foi visto como uma oportunidade para mobilizar a todos os atores (públicos e privados) em função de um objetivo comum: dinamizar o turismo da região, caracterizado pelo pampa, pela cultura guarani e pela cultura “gaúcha”.

Entendendo-se como Pampa (vocábulo quíchua) ou região dos pampas à área geográfica situada no centro-leste da Argentina, Uruguai e o sul do estado do Rio Grande do Sul, Brasil, de onde provinham a maioria dos participantes ativos da UTT.

E como cultura “gaúcha”, não só à cultura daquele personagem (O Gaúcho) tão fortemente arraigado no sentimento dos que habitam esta região, senão no sentido mais amplo que o povo do Rio Grande do Sul lhe dá a esta palavra, que tem relação com a cultura europeia-americana que o caracteriza e que é similar à dos povos argentinos e uruguaios.

* Subdiretor geral de Turismo da Intendencia de Maldonado, Uruguai.

É destes elementos culturais e sobre este território tão particular, que se desprende o projeto turístico “Capitais Gaúchas Rotas Tchê”.

“Capitais Gaúchas Rotas Tchê”

O nome de “Capitais Gaúchas”, não faz só referência às principais cidades, portas de entrada do turismo internacional à região (Porto Alegre, Montevideu e Buenos Aires) senão que também inclui (numa lógica artiguista) ao resto das capitais provinciais.

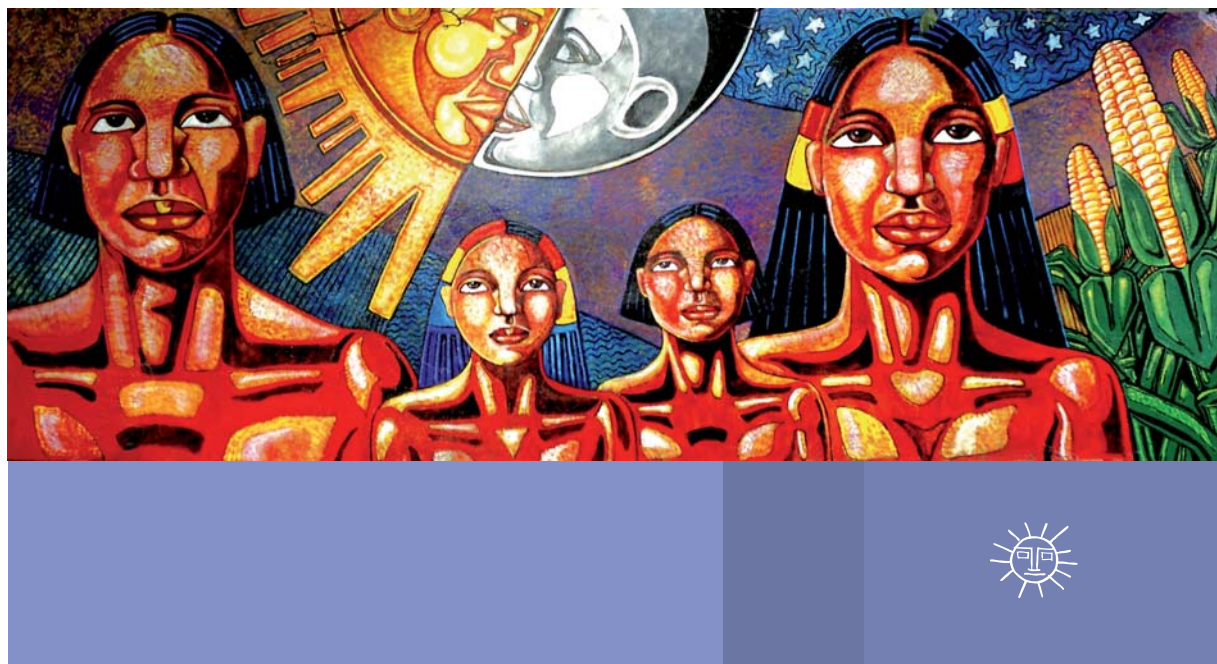
Enquanto que Rotas Tchê (palavra de origem guarani), se chamam às rotas e caminhos que unem estas capitais de uns com outros e com o resto das cidades, povos, áreas naturais e rurais; e ao mesmo tempo com outros territórios que se encontram fora dos limites geográficos do projeto.

Os próprios elementos culturais que a caracterizam (quíchua, guarani, gaúcho) são os que cumprem esse papel vinculante com estas outras regiões, transcendendo as próprias fronteiras do projeto.

Por tal razão, também se visualizou que o projeto deveria ser trabalhado desde um conceito que é fundamental para que o mesmo seja exitoso, e é o de “Turismo sem Fronteiras”.

Apesar de que não existe uma definição concreta sobre este conceito, para a UTT significa realizar associações estratégicas entre países, províncias, estados e municípios, para o desenvolvimento turístico integrado; alinhando políticas e dando ênfase em sua articulação e coordenação, com o objetivo de fomentar e dinamizar o turismo da região e se apresentar ao mundo como região turística caracterizada.

Por isso, se propuseram uma série de estratégias e ferramentas que procuram criar um sistema único de informação e georeferência turística (de base tecnológica), desde onde se valorizará atrativos e produtos culturais e naturais, unidos por corredores (rotas tchê), onde os limites políticos não sejam obstáculos para seu desenvolvimento.



Los hijos del sol y de la luna, Juan Bauk.

:: MONTEVIDÉU CAPITAL IBERO-AMERICANA DA CULTURA 2013 A CULTURA É CAPITAL



*Por Sebastián Valdomir **



A distinção recebida por Montevidéu de parte da União das Cidades Capitais Ibero-Americanas (UCCI) no âmbito do Bicentenário das chamadas “Instruções do Ano XIII”, marco fundamental que resume o pensamento político da revolução libertadora artiguista iniciada em 1811.

Montevidéu tinha em 1996 a oportunidade de ser Capital Ibero-Americana da Cultura; num contexto histórico diferente, no nível nacional e regional.

No contexto atual, a proposta de “Montevidéu Capital Ibero-Americana da Cultura 2013” resume alguns dos eixos das políticas culturais que se realizam nos diferentes bairros e territórios de nossa cidade. Entre essas definições se encontra a de realizar políticas de inclusão social desde o direito ao acesso à cultura em suas mais diversas expressões. A cultura como geradora de convivência, reconhecimento das diversidades que habitam em nossa cidade e em nosso país.

No momento que esta breve resenha está sendo escrita, ocorrem dois exemplos que mostram a aposta por aprofundar a relação entre cultura e inclusão social. O primeiro exemplo é a distribuição a mais de 60.000 jovens do ensino médio do sistema público do cartão “Montevidéu Livre” que outorga acesso gratuito aos espetáculos artísticos e atividades culturais em toda a cidade.

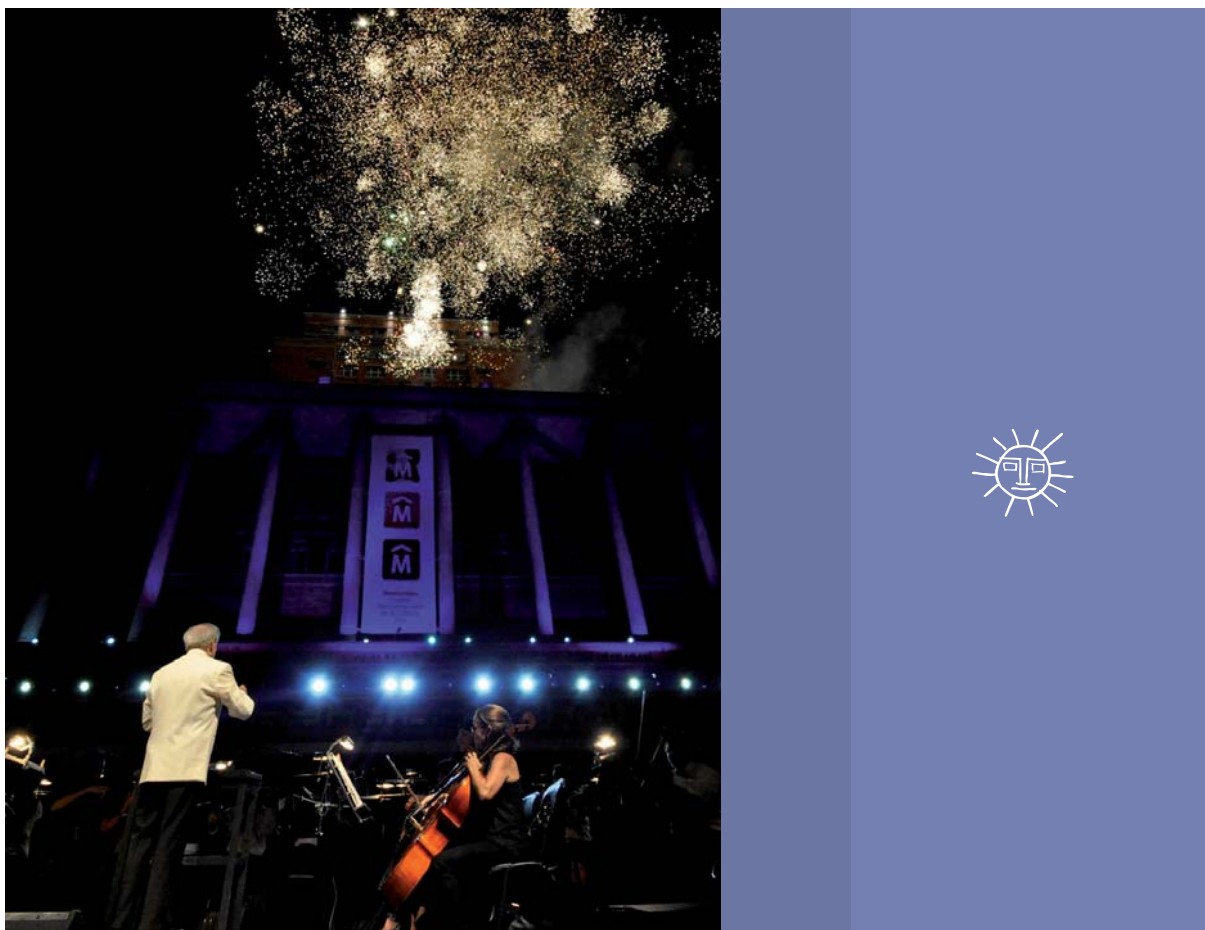
Nestas datas também estamos organizando o primeiro Festival Internacional de Teatro Comunitário, que reúne durante quatro dias a dezenas de coletivos nacionais e da região que incentivam a atividade teatral em espaços que foram impactados e desestruturados socialmente pelas políticas neoliberais que a região sofreu durante os anos 90, e que conduziram à crise dos anos 2001-2002.

Por outro lado, não se trata só de garantir o acesso à cultura, senão também de proporcionar a possibilidade de criar, da criação cultural, para todos os grupos etários e socioeconômicos que convivem em nossa cidade.

Sem dúvida que a democratização da cultura compreende estas duas dimensões, entre tantas. Por um lado a de garantir o direito ao acesso às manifestações culturais que se produzem numa cidade como Montevidéu. A outra dimensão é a de dar ferramentas para que setores e grupos sociais possam ser eles mesmos protagonistas do fato cultural. É a base de um dos pilares da política cultural da Intendência de Montevidéu, que se compreende, por exemplo, no denominado programa “Esquinas da Cultura”, que é um dos principais eixos da proposta da Capitalidade Ibero-Americana da Cultura 2013.

Esta dimensão se relaciona com o debate ideológico que se tem com outras concepções da política, que só reconhecem direitos aos que podem pagar por eles. Esta política opera com uma concepção de clientes, e não de cidadãos.

* Sebastián Valdomir é assessor da Divisão de Relações Internacionais e Cooperação da Intendência de Montevidéu.



Finalmente, também em momentos que este material está sendo editado se realiza em Montevidéu a reunião do Comitê de Cultura da União de Cidades Capitais Ibero-Americanas (UCCI), com a participação de 14 cidades ibero-americanas, e com a presença das prefeitas de Lima, Susana Villarán, e de San Juan de Puerto Rico, Carmen Cruz.

O objetivo buscado com este trabalho também é avançar na construção da cidadania regional através do reconhecimento cultural de nossa América Latina. Isto não é uma tarefa fácil. Construir identidade e destruir a ideia de que somos distintos, não é fácil, porque existem forças e interesses que atuam em sentido contrário. O aspecto a ressaltar, outra vez, é que se trata de um terreno de disputa política, de disputa ideológica. Nós educamos com base a acentuar nossas diferenças em vez de celebrar nossa identidade como povos latino-americanos. Povos rebeldes, povos que têm conquistado seus direitos com base a muitos sacrifícios, resistências e esforços durante décadas e séculos. Isso nos une. A construção da identidade regional como base para a cidadania regional implicará destruir a ideia de que somos distintos e alheios entre os povos que compõem a América Latina.

Em 2014, a Capital Ibero-Americana da Cultura será San Juan, capital de Puerto Rico. Neste âmbito, Montevidéu e a capital de Puerto Rico acabam de assinar um Acordo de Irmanação para realizar atividades e processos de trabalho conjuntos, começando pelo terreno cultural e de participação cidadã em 2014. Este é um grande desafio que fica para adiante, para todos os que estamos envolvidos com o aprofundamento democrático, o avanço da agenda de direitos e a integração dos povos latino-americanos.

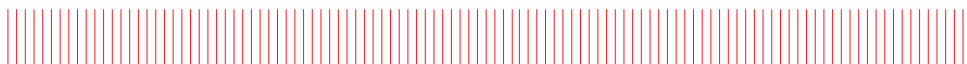
IDENTIDADE
CIDADÃ
REGIONAL

DIALOGO

Recorte da obra "Los hijos del sol y de la luna", Juan Bauk



:: ESTEBAN ECHEVERRÍA: IDENTIDADE NA DIVERSIDADE



*Por Fernando Grey **



Nas primeiras décadas do século XXI os governos locais estamos vivendo uma inacreditável transformação nos aspectos climáticos e ambientais o que faz repensar seriamente nosso papel frente a estes desafios. Devemos somar a estes fatores a complexidade mesma dos processos de urbanização na América Latina. Encontramo-nos em muitos casos com grandes aglomerações urbanas, que durante esta última década de crescimento econômico e desenvolvimento trazem consigo um sério incremento nas demandas de serviços de infraestrutura básica (rede de água, rede de cloacas, rede de fornecimento elétrico, entre outras), vivenda e capacidades estatais para promover e consolidar o desenvolvimento.

Por exemplo, nosso município, Esteban Echeverría, é um dos 24 municípios da conurbação bonaerense e está localizado no sudoeste da segunda faixa da Área Metropolitana de Buenos Aires (AMBA). O município tem uma superfície de 120 km².

A apenas 28 quilômetros da Cidade Autônoma de Buenos Aires combina em seu território tanto a vida urbana como a rural com a complexidade dos processos de urbanização da nossa América de princípio do século XXI. Durante esta etapa se desenvolve uma intensa atividade, marcada pela diversidade, tanto no econômico como no cultural, reflexo da heterogeneidade populacional que o caracteriza.

Como exemplo da semelhança entre os outros distritos da Área Metropolitana de Buenos Aires, Esteban Echeverría mostra traços desta pluralidade desde suas mesmas origens. É que no território que hoje ocupa, se assentou a primeira colônia organizada de imigrantes que teve nosso país. Em 1825, duzentos e vinte colonos escoceses se estabeleceram nas áreas pertencentes às estâncias “Santa Catalina”, “Monte Grande” e “La Laguna”, constituindo o início do desenvolvimento nesta região. A princípio do século XX, devido às ondas imigratórias europeias, promovidas já desde a Constituição de 1853, espanhóis e italianos formaram aqui associações mutuais que foram verdadeiros pilares no desenvolvimento do município. Esteban Echeverría foi a terra escolhida por homens e mulheres de muitas nações do mundo, por diferentes motivos, porém todos foram formando essa unidade na diversidade que hoje mostra o município.

Estas situações fazem que desde os governos locais tenhamos que trabalhar com uma forte visão na diversidade e na complexidade do processo de urbanização. Neste sentido a educação, o trabalho, a saúde, a justiça são objetivos inalienáveis de toda ação do governo. Assim, o governo local deve procurar garantir direitos básicos para todos os cidadãos através das distintas áreas de gestão, desenvolvendo políticas públicas integradoras, articulando projetos e programas com os governos provincial e nacional.

Por outro lado, os governos locais devemos somar ao desafio da diversidade a implementação das redes de serviços de infraestrutura básica que são elementos fundamentais para garantir qualidade de vida a nossos vizinhos.

* Prefeito da Municipalidade de Esteban Echeverría, Argentina

Sabendo destas problemáticas comuns estamos trabalhando desde a Unidade Temática de Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da Rede de Mercocidades um levantamento de fatores ambientais dos governos locais da Rede. Este projeto tem como objetivo fazer visíveis as problemáticas comuns em matéria de necessidades de serviços básicos (coleta de resíduos sólidos urbanos, redes de infraestrutura básica, infraestrutura de tratamento necessária, etc.).

Desde o desenvolvimento sustentável, a visão da interjurisdicionalidade e da coordenação entre atores de vários níveis é uma característica permanente da gestão local. No caso do Município de Esteban Echeverría temos o exemplo da bacia dos rios Matanza - Riachuelo. A mesma abrange uma superfície superior aos 2200 km², uma população superior aos 5.000.000 de habitantes, distribuídos no território de 14 municípios, na Cidade Autônoma de Buenos Aires e na Província de Buenos Aires. Neste âmbito o Município de Esteban Echeverría realiza - articulando seu trabalho com o organismo interjurisdicional e autárquico Acumar (Autoridade da Bacia Matanza- Riachuelo) - a limpeza das margens e cursos de água que percorrem o distrito, em prol do saneamento de toda a bacia. Procura-se deste modo, lograr o melhoramento da qualidade de vida dos cidadãos que habitam as margens, tanto desde o ponto de vista da saúde pública como da paisagem urbana.

Neste mesmo sentido, se trabalha intensamente na extensão das redes de água e cloacas em todo o distrito, e estão por concluir os trabalhos para a instalação de uma nova Planta de Tratamento Cloacal na localidade do Jagüel, uma obra de grande complexidade projetada em quatro módulos, que em sua primeira etapa de execução dotará do serviço a 150 mil habitantes. Ademais, se projeta criar ali uma Unidade Sanitária, focalizada especialmente em problemas de saúde vinculados com o meio ambiente.

Nestas obras se unificam objetivos claros de inclusão social, que se complementam com uma ação integradora do trabalho, já que para sua execução se emprega a força de distintas cooperativas de trabalhadores, formadas a partir do Programa Nacional Argentina Trabalha, cujo fim é capacitar a seus membros na ação cooperativa, a fim de passar da assistência dada por diferentes planos sociais a sua reconversão em trabalho genuíno.

Por outro lado, desde a perspectiva de Mercocidades entendemos relevante lograr incidência desde os governos locais na agenda global do Desenvolvimento. Em tal sentido, vemos com interesse o processo aberto pós Cúpula de Desenvolvimento Sustentável “Rio+20” em que participamos um número relevante de governos locais da Rede de Mercocidades. Nesse sentido, desde a Coordenação da Unidade Temática de Ambiente e Desenvolvimento Sustentável está se trabalhando na confecção de uma proposta para a elaboração dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, que entendemos será o seguinte passo dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio propostos até 2015.

Esta é a maneira que desde a gestão local honramos o que nossos pais fundadores nos deixaram no preâmbulo da Constituição Nacional “... constituir a união nacional, afiançar a justiça, consolidar a paz interior, prover à defesa comum, promover o bem-estar geral, e assegurar os benefícios da liberdade para nós, para nossa posteridade e para todos os homens do mundo que querem habitar no solo argentino...”.

Esperamos que esta breve descrição de uma lógica de intervenção das políticas públicas no nível local com uma visão na integração, na inclusão social e na busca do bem-estar geral seja uma colaboração para todos e todas aquelas que trabalham por um mundo melhor.



Centro de Integração Comunitária, Esteban Echeverría, Argentina

:: CONSTRUINDO IDENTIDADE REGIONAL, CONSTRUINDO A PÁTRIA GRANDE



Por *Damián Paikin* *



Não há integração exitosa sem cidadania regional. Com esta premissa, no ano 2008 iniciamos o trabalho do Voluntariado Universitário Identidade MERCOSUL, levando às escolas secundárias da Argentina o pensamento de Artigas, de Martí, de Bolívar e San Martín, porém também a visão sobre a região de Methol Ferré, de Abelardo Ramos, de Marco Aurelio Garcia. Passado e presente unidos sob uma mesma premissa. A pátria é uma só, ou não há pátria.

Nestes cinco anos de trabalho ininterrupto, sob a lógica do voluntariado e com o apoio de muitos amigos e companheiros como a própria Rede de Mercocidades ou a Municipalidade de Quilmes, com quem celebramos nosso primeiro convênio de trabalho conjunto, percorremos o país desde Buenos Aires a Tucumán e desde Corrientes a San Juan e Mendoza, realizando nas escolas oficinas que procuravam acender nas crianças a chama da unidade continental. Trata-se de um programa de dois dias, com um primeiro espaço de jogos onde se expõem as vantagens da integração e da cooperação por sobre a confrontação, assim como também conhecer quanto sabemos dos países vizinhos. Posteriormente, realiza-se uma apresentação mais ordenada dos antecedentes e da atualidade do MERCOSUL, suas instituições e suas principais políticas, assim como também a relação com os outros processos de integração como a UNASUL ou a CELAC. Para o segundo dia fica o debate, simulando na aula um pequeno Parlamento do MERCOSUL, com suas bancadas, seus partidos e as diversas posições de cada um destes.

Hoje, mais de 1.200 meninos e meninas passaram por nossas oficinas e muitos deles, já na Universidade ou em sua vida profissional continuam vinculados a esta experiência de integração que saiu das aulas para continuar se desenvolvendo em outros âmbitos, como o da cultura.



Atividade organizada pelo programa Identidade MERCOSUL

* Doutor em Ciências Sociais, Faculdade de Ciências Sociais, Universidade de Buenos Aires. Título da Tese: “Integración regional y nuevos pactos federales. El rol de los gobiernos sub-nacionales en el MERCOSUR”. Mestre em Processos de Integração Regional – com ênfase no MERCOSUL-, Faculdade de Ciências Econômicas, UBA. Professor Adjunto, Cátedra Pensamento Latino-Americano para a Integração, Curso de Ciência Política, Faculdade de Ciências Sociais, Universidade de Buenos Aires. Diretor Identidade MERCOSUL.

Porque entendemos que as identidades se constroem da mão dos meios audiovisuais, é que no ano 2010 lançamos com o INCAA (Instituto Nacional de Cinema e Artes Audiovisuais) e com o apoio da RECAM (Reunião Especializada de Cinema e Artes Audiovisuais do MERCOSUL), o ciclo Cinema x a Integração, com filmes de todos os países do MERCOSUL, muitos deles co-produções, que conseguiram graças ao ciclo um lugar nos cinemas portenhos, e que hoje podem ser solicitados de forma gratuita por qualquer organização pública, social, cultural ou política que queira projetar, de forma compactada, uma parte do sentir, do pensar e do viver de cada um de nossos países através da visão destes filmes.

Finalmente, Identidade MERCOSUL também se constituiu como um núcleo de pensamento e desde este, desenhou e realizou um trabalho detalhado e sistemático sobre a história do pensamento da integração, de seus líderes, seus êxitos e seus sonhos e desafios que viu a luz no ano 2013 sob o título Paz, Democracia e Integração Regional na América do Sul, o qual pode ser encontrado, também de forma gratuita como todas as produções do voluntariado, em sua página web www.identidadmercosur.org.

Porque a integração regional se constroi a diário e com o povo é que seguiremos trabalhando nesta linha, combatendo aos derrotistas que vem em cada problema um freio irremediável, e alçando com amor e esperança a bandeira da Pátria Grande com a que sonhamos desde há 200 anos e que hoje, como nunca, parece começar a se converter em realidade.

:: POLÍTICAS DE JUVENTUDES EM QUILMES



*Pela Subsecretaria da Juventude do Município de Quilmes, Argentina **

Quilmes é uma cidade de mais de 600 mil habitantes, dos quais uma importante porcentagem são adolescentes e jovens. Devemos mencionar que deles, muitíssimos se encontram sob a linha de pobreza, faixa para a qual o estado municipal deve dobrar esforços de maneira cotidiana.

Considerando esta realidade, o governo local planifica uma abordagem integral no trabalho com jovens, em todos os âmbitos da sociedade, onde as condições e problemáticas das juventudes têm suas próprias particularidades.

É assim que no ano 2012, por decisão do prefeito municipal Francisco Gutiérrez se cria a Subsecretaria da Juventude, que conta com três direções; cada uma intervém em uma área específica: educação e formação cidadã, trabalho e organização gremial e participação social e expressão juvenil. Trata-se de eixos fundamentais de trabalho em nossa população.

* Adrián Pérez, subsecretário da Juventude, assume o cargo depois de um árduo percorrido na militância gremial, já que aos 19 anos foi escolhido delegado gremial de fábrica e, em 2009 chega a integrar a Mesa Nacional da Juventude Sindical da CGT (Confederação Geral dos Trabalhadores). Eva Torres, Diretora da área de Expressão e Participação Juvenil, começa sua militância territorial em 2001 trabalhando fortemente na contenção de jovens na rede de refeitórios comunitários e depois através dos movimentos sociais nucleados em cooperativas da CTA (Central de Trabalhadores da Argentina), e também desde as CEB (Comunidades Eclesiais de Base), opção preferencial pelos pobres.

Os e as jovens como sujeitos de direitos, portadores de potencialidades criativas e transformadoras, necessitam desde o estado municipal, provincial e nacional a implementação de ações concretas que ademais de melhorar as condições de vida material cobrindo as necessidades básicas, gerem espaços de criação, troca, expressão, integração e fortalecimento dos vínculos sociais e culturais que temos que reconstruir depois da implementação de políticas que, durante os anos 90, destruíram o nível social.

Deste modo, se vem construindo um trabalho coletivo e articulado entre o estado municipal, as organizações sociais, os e as jovens. É por esta razão que as responsabilidades governamentais estão a cargo de jovens que geram - desde seu lugar de pertencimento - uma mudança de paradigma na forma de governar: desde e com os e as jovens.

É assim que conseguimos uma representatividade autêntica desde as profundidades de nosso povo, com o objetivo de lograr cada vez uma maior integração.

Durante este ano nos incorporamos à Unidade Temática da Juventude (UTJ) da Rede de Mercocidades, considerando de vital importância o trabalho de integração e construção de uma cidadania regional, no caminhar deste novo tempo onde Latino-América começa a se pensar como região, dando aos valores de unidade e cooperação, um lugar central na construção de estados democráticos, com justiça social e igualdade de oportunidades para seus cidadãos e cidadãs, revalorizando a identidade própria de cada lugar.

Nesse sentido, participamos das reuniões da UTJ realizadas durante este ano, apostando no aprofundamento da integração regional e no trabalho mancomunado dos governos locais na consolidação dessa unidade.

Participamos do encontro de organizações juvenis reunidas da Rede que se realizou no mês de setembro na cidade de Rosário (Argentina).

Nossa missão é convocar a jovens das organizações da sociedade civil de nossa cidade para compartilhar experiências, trocar opiniões e ouvir as inquietações que expõem as juventudes com respeito à construção e o desenho de políticas públicas estratégicas na área da juventude.

O compromisso de nosso governo por potencializar a participação e as capacidades das juventudes é real, ativo e cotidiano desde o âmbito local, porém também cresce desde nossa incorporação à Rede com o só e firme objetivo de consolidar a Pátria Grande.



Encontro de organizações juvenis em Rosário, Unidade Temática de Juventude de Mercocidades

:: O PLANO ESTRATÉGICO DE AÇÃO SOCIAL: AVANÇOS PARA A CONSOLIDAÇÃO DA DIMENSÃO SOCIAL COM ENFOQUE NOS DIREITOS HUMANOS NO MERCOSUL



*Por Mariano Nascone **

A posse de novos governos de caráter nacional, popular e progressista na região a partir do primeiro decênio do século XXI, marcou o início de uma mudança de época não só no rumo dos países no nível nacional, senão também no MERCOSUL.

Significou a decisão política necessária para pensar outro tipo de desenvolvimento que desse resposta às demandas de inclusão social dos setores mais desprotegidos repensando os modelos de desenvolvimento, porém desta vez, com inclusão social. Isso reposicionou aos Estados Nacionais como atores fundamentais na reconstrução das camadas sociais rachadas nos anos anteriores como produto da implantação de políticas de ajuste neoliberal.

No nível MERCOSUL significou a incorporação de outros países da região ao processo de integração iniciado na década dos noventa que lhe deram um novo impulso à integração regional. Principalmente, pela confrontação entre a agenda dos acordos de livre comércio promovidos pelos Estados Unidos e a emergência de processos integracionistas que reuniam novas doutrinas axiológicas que redimensionavam desde afóra à agenda MERCOSUL.

Isto implicou, sobretudo, um deslocamento da agenda imposta pelo Consenso de Washington e uma revalorização global da região nos âmbitos social e político. A construção de um horizonte pós-neoliberal fortaleceu o caráter estratégico e geopolítico da região conseguindo colocar a questão social no centro do debate político global. De maneira que a mudança de época lhe deu um novo impulso ao processo de integração regional, superando a visão netamente economicista-comercial do Tratado de Assunção que lhe deu origem.

A centralidade da questão social nas agendas políticas de governos nacionais, populares e progressistas permitiu a reconstrução de um conjunto de políticas que punham ênfase na redistribuição social. Esta mudança paradigmática na concepção das políticas sociais impactou positivamente ao MERCOSUL. Os índices estáveis de crescimento com redistribuição social registrados nos países da região ao longo do século XXI rehierarquizaram a importância das políticas sociais em seus modelos de desenvolvimento. Sua projeção no nível regional se traduz na criação da Dimensão Social do MERCOSUL, a qual sem prévios antecedentes percorreu um caminho de acumulação conceitual e institucional ao longo da primeira década do século XXI.

No plano institucional, produziu-se uma sucessiva criação de órgãos dentro de sua estrutura como são o Instituto Social do MERCOSUL (ISM), a Comissão de Coordenação de Ministros e Autoridades Sociais do MERCOSUL (CCMASM), a figura do Alto Representante Geral do MERCOSUL (ARGM) de quem depende a Unidade de Participação Social (UPS) e em última instância o IPPDH. Cada uma destas novas instituições redimensionava globalmente o processo de integração.

* Mariano Nascone, nasceu em Buenos Aires, Argentina, em 1982. É Bacharel em Trabalho Social formado com Diploma de Honra na Universidade de Buenos Aires (UBA), Mestrado em Políticas Públicas e Gerenciamento do Desenvolvimento na Universidade Nacional de San Martín, foi Coordenador do Programa Provincial de Inclusão Social e Responsabilidade Social Compartilhada “Enviñón”, Província de Buenos Aires – Cidade de Avellaneda durante 4 anos. Realizou estudos de formação em ZEI Academy in Comparative Regional Integration. Center for European Integration Studies (ZEI) University of Bonn, ALEMANHA onde ademais dissertou em idioma inglês sobre o MERCOSUL Social em comparação com outros sistemas de integração regional. Co-autor do Livro: “A Dimensão Social do MERCOSUL: Marco Conceitual”. Atualmente, é Encarregado de Despacho da Direção Executiva e Chefe do Departamento de Promoção e Intercâmbio de Políticas Sociais Regionais do Instituto Social do MERCOSUL.

Paralelamente, no plano conceitual, a “Declaração de princípios do MERCOSUL social”^{*} assinada pelos Ministros/as e Autoridades de Desenvolvimento Social reunidos na Reunião de Ministros e Autoridades de Desenvolvimento Social (RMADS), definiu uma série de postulados que delimitaram o enfoque que adotaram as políticas sociais no MERCOSUL Social.

A Dimensão Social se definiu em suas origens desde a não subsidiariedade para o econômico, entendendo as políticas sociais não como compensatórias das políticas econômicas, senão como partes intrínsecas num modelo de desenvolvimento humano. Sem lugar a dúvidas assistimos a uma mudança paradigmática no enfoque de bem-estar da cidadania. O modelo individualista e competitivo do Consenso de Washington que teve entre suas consequências mais visíveis o empobrecimento global das sociedades da região, o aprofundamento das desigualdades sociais, a atomização e ruptura da camada sócio-cultural como efeitos regressivos de um modelo que só favorecia ao capital financeiro internacional, é substituído por uma concepção do bem-estar que dá ênfase na ideia do direito a ter direitos e o direito ao desenvolvimento, como elementos imanentes ao modelo de desenvolvimento e bem-estar da região.

Em síntese, o conteúdo do direito a ter direitos significa o direito a ter acesso, de maneira regular, permanente e livre, diretamente ou mediante compra com dinheiro, a uma alimentação quantitativa e qualitativamente adequada e suficiente, que corresponda às tradições culturais da população a que pertence o consumidor e que garanta uma vida psíquica e física, individual e coletiva, livre de angústias, satisfatória e digna.

Este deslocamento paradigmático no campo do político-estratégico se evidenciou com o conjunto de políticas sociais que incentivaram os governos nacionais, populares e progressistas para enfrentar as consequências políticas, sociais e econômicas dos programas de ajuste estrutural. Políticas que tinham como centro medular a garantia de direitos. A metamorfose da questão social tem uma dupla dimensão: por um lado, a garantia dos direitos sociais pela via de uma revalorização do Estado, e por outro, criar as condições políticas e subjetivas para o exercício dos direitos sociais, ou seja, a complementação entre direitos políticos e direitos sociais para a consecução de um enfoque integral dos direitos.

Resumindo, o reposicionamento do papel do Estado no desenho e instrumentação das políticas sociais permitiu superar a visão do Estado mínimo do Consenso de Washington; o enfoque de direitos e de gênero como eixos transversais das políticas fortaleceu novos cenários para a agenda da integração regional. Obviamente, a incorporação da Dimensão Social do MERCOSUL não está isenta de tensões e desafios. Entretanto, em um contexto global de crise econômica e política a região se encontra com melhores condições para enfrentar as novas dinâmicas geopolíticas, geoeconômicas e geoestratégicas. A nova questão social lhe outorga um desafio ineludível para o MERCOSUL.

Desde uma perspectiva institucional este processo implicou a acumulação de forças sociais e políticas que desembocou na aprovação do Plano Estratégico de Ação Social (PEAS)^{**}. Este Plano Estratégico definiu o mapa, os objetivos prioritários, as garantias e diretrizes para materializar no âmbito regional da integração a questão social do MERCOSUL. Este plano, desenhado e aprovado pela totalidade dos chefes e chefes de estado em junho de 2011, tem dez eixos e vinte e seis diretrizes que formam a agenda específica à qual todos os órgãos do MERCOSUL em matéria social deverão adotar como bandeira de navio para continuar o caminho da inclusão social desde o âmbito regional. O PEAS constitui um grande avanço para o MERCOSUL devido ao consenso político que representa acerca das prioridades em matéria de inclusão social para a região. Ao mesmo tempo, tem vital importância para a estrutura institucional do MERCOSUL dado que sua implementação exige um trabalho interinstitucional e integral de todas as agendas da área social.

O enfoque sistêmico sobre o qual se nutre parte de uma abordagem multidimensional das problemáticas, é o motivo pelo qual incorpora eixos transversais como o enfoque de direitos, a questão de gênero e a vinculação com diversas temáticas, como juventude, idosos, meninos, meninas e adolescentes, entre outras. Deste modo os eixos e diretrizes do PEAS não poderão ser abordados como compartimentos estancos, senão desde a integralidade de todas as áreas envolvidas.

* Carta de Montevideu, aprovada pela XIII Reunião de Ministros e Autoridades de Desenvolvimento Social do MERCOSUL, na cidade de Montevideu, no dia 23 de novembro de 2007. Cfr. Texto completo em http://www.mercosur-social.org/documentos/declaraciones/declaracion_de_principios_esp.pdf

** Disponível no site web do Instituto Social do MERCOSUL, <http://ismercotur.org/doc/PEAS-espanol-web.pdf>

Por outro lado, a implementação do PEAS significa a possibilidade de consolidar uma maior participação tanto dos diversos níveis de governo (provinciais e municipais) como das organizações sociais e comunitárias. A maior articulação dos diversos órgãos envolvidos no PEAS junto ao FCCR e a Rede de Mercocidades, que reúne mais de 270 municípios da região, constitui um requisito indispensável para um melhor desenho e implementação dos projetos sociais pluriestatais.

Por outro lado, a crescente articulação entre estes órgãos poderia instalar com maior força a agenda social na estrutura do FOCEM, em busca de maior sustentabilidade financeira dos projetos garantindo um financiamento acorde com as metas e desafios que se propõe.

Hoje, assistimos a uma mudança de paradigma no MERCOSUL, para um sistema de integração mais inclusivo. Redimensionamos o papel dos Estados como principais garantes e promotores das condições institucionais e sociais necessárias para o exercício dos direitos em todos os níveis, sendo seus cidadãos sujeitos de direito e participação. Para isso, foi fundamental a recuperação da política como ferramenta para produzir as mudanças necessárias em virtude de garantir os direitos fundamentais em um sistema democrático e representativo de governo.

Ainda restam muitos desafios, e estamos ante uma oportunidade estratégica para consolidar-los para uma Pátria Grande, mais inclusiva para todos e todos seus habitantes.

Agradeço as valiosas colaborações do Dr. Miguel Ángel Contreras Natera, atual Diretor Executivo do Instituto Social do MERCOSUL para a realização desta nota.



La pachamama, Juan Bauk.

:: A EXPERIÊNCIA DE UMA CIDADE CONURBANA



*Por Lucrecia Monteagudo **

*“Se a cidade, em todo caso, é o mundo que o homem criou, é também o mundo no que está condenado a viver. Assim, de maneira indireta e sem uma consciência clara da natureza de sua tarefa, ao fazer a cidade, o homem se refez a si mesmo”. Robert Park ***

Quando estudamos o desafio de assumir como Município a responsabilidade de exercer a Secretaria Executiva da Rede Mercocidades, nossa principal convicção foi querer mostrar e vincular a realidade de uma cidade populosa, própria de uma periferia de grande capital, com perfil industrial, onde convivem amplíssimas camadas populares com grupos de excelente poder aquisitivo, com carências estruturais, porém também com um grande potencial humano a desenvolver.

Quilmes tem uma longa história de resistência e luta que começou com o traslado forçado de membros da comunidade indígena quilmes, derrotados durante a colonização espanhola e obrigados a abandonar suas terras no norte argentino. Esta resistência é uma condição dada não somente por nossa origem, senão também pelas batalhas da Independência de nosso país, e mais recentemente pela luta econômica na que teve que suportar tempos de desindustrialização e muita pobreza.

Nos últimos anos o trabalho voltou a ser um articulador importante da família quilmense. Entretanto, ficaram dívidas estruturais que dia a dia se tentam paliar. Num distrito onde mais da metade da população carecia de serviços tão básicos como a água corrente e as cloacas, hoje podemos nos orgulhar de grandes avanços que vão terminar abrangendo à totalidade dos cidadãos de nosso município.

Esses avanços, aos quais podemos somar investimento em infraestrutura educativa e cultural, segurança cidadã, espaço público e crescimento do consumo interno, potencializam a evidência das coisas que faltam fazer e aumentam as exigências cidadãs. Nosso município tem uma extensão de apenas 94 quilômetros quadrados, nos quais vivem mais de seiscentas mil pessoas. Limitamos com outros distritos de similares características, e nos separam apenas 20 quilômetros da cidade capital da República Argentina (Cidade Autônoma de Buenos Aires) e 48 quilômetros da cidade de La Plata, capital da Província de Buenos Aires, no que se denomina a conurbação bonaerense.

Nesse âmbito e com essas características tomamos a responsabilidade de exercer a Secretaria Executiva da Rede desde o dia 30 de novembro de 2012 até a posse da mesma por parte da cidade de Porto Alegre. Estamos convencidos que nossas problemáticas são similares as de muitas outras cidades com parecidas características.

Ter a oportunidade de coordenar Mercocidades desde esta visão, com toda nossa bagagem histórica, política, cultural e social, constituiu um verdadeiro desafio. Acreditamos ter feito nossa colaboração com

* María Lucrecia Monteagudo, nascida em Quilmes, Argentina. Psicóloga (UNLP) Universidade Nacional de La Plata. Doutora em Psicologia Clínica (UB) Universidade de Belgrano. Militante política e do movimento cooperativo. Deputada Nacional (2001-2005). Parlamentar latino-americana (Comissão de Dívida Social). Atualmente, a cargo da Secretaria de Relações Institucionais, Regionais e Internacionais do Município de Quilmes.

** Robert Park é um sociólogo urbano (1864-1944), nascido nos Estados Unidos, reconhecido como um dos criadores da Escola de Chicago.

humildade, porém ao mesmo tempo com a decisão de propiciar desde as cidades não somente a integração regional como destino comum de nossos povos e como projeto comunitário que se assenta na colaboração e na construção coletiva, senão também poder somar mais vozes ao debate de um modelo de desenvolvimento autônomo que complemente o crescimento em infraestrutura, energia, produção e emprego com inclusão social.

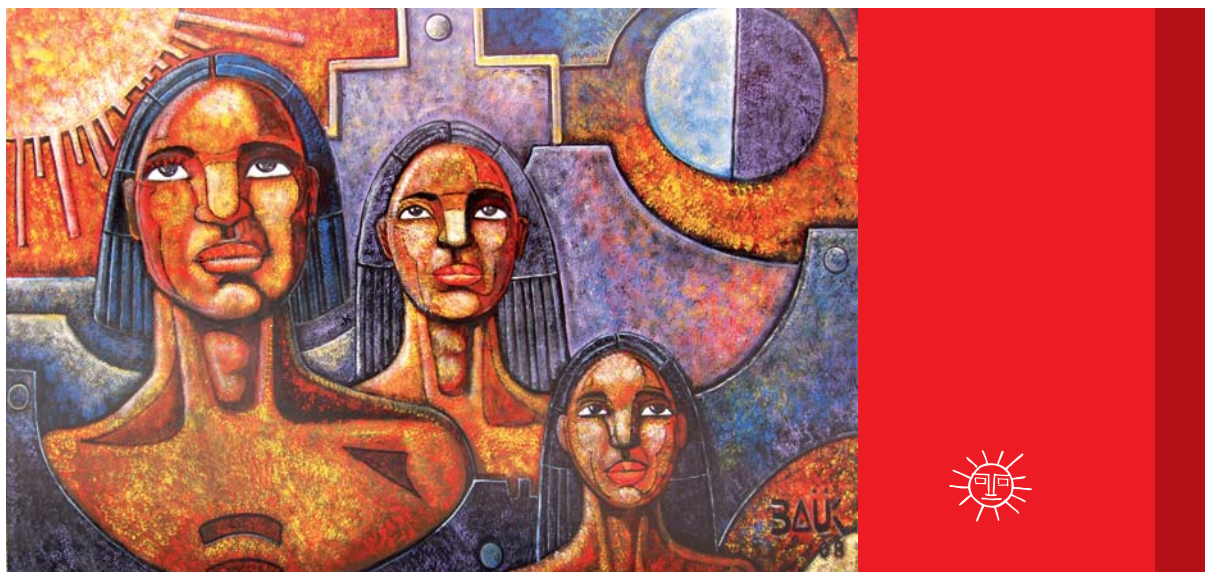
É inegável que cada cidade e cada intendente, alcaide ou prefeito, colaboram com a própria marca o apoio e crescimento da Rede. Em nosso caso, isso se manifestou na compreensão de um mundo diverso, multicultural, com a necessidade de aprofundar a produtividade, a ciência e a tecnologia como insígnias, porém contextualizados em um âmbito de respeito irrestrito aos Direitos Humanos, à democracia e à própria história, memória e cultura.

Abordamos a responsabilidade de realizar a tarefa coletiva que significou conduzir politicamente esta rede de cidades com uma visão de periferia. Temos realizado uma enriquecedora experiência referida à internacionalização de nossa cidade, conseguindo sua instalação no mapa regional. Seguiremos trabalhando na construção de uma nova territorialidade como agente potencializador de pertencimento ao MERCOSUL. Desde este ponto de vista, entendemos que o conhecimento e a produção cultural são profundos fatores de mudança que colaboram com a integração regional.

Sentindo-nos protagonistas do 1º Fórum Social Mundial onde milhares de participantes de cidades, organizações sociais, políticas, culturais, assumimos o desafio conjunto de construir um modelo sustentável de sociedade, baseado na solidariedade, na equidade, no respeito às diferentes culturas e na justiça social. Continuando com nosso pertencimento a redes nacionais e internacionais comprometidas com as lutas sociais por cidades justas e democráticas, mantemos que outra cidade é possível porque outro mundo é possível.

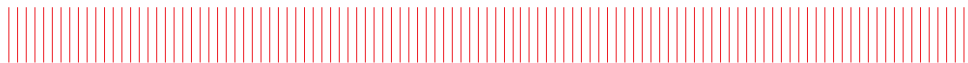
É com esse marco teórico que defendemos o Direito à Cidade desde um enfoque ampliado onde estamos profundamente comprometidos com a promoção e proteção dos direitos civis, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais garantidos em todos os instrumentos locais, nacionais, regionais e internacionais de Direitos Humanos.

Com essa convicção exercemos a Secretaria Executiva da Rede, um lugar que não é neutro senão que, pelo contrário, tem uma importante carga conceitual, histórica, cultural a partir das quais nos expressamos. Neste sentido afirmamos que fazê-lo desde nosso pertencimento a conurbação bonaerense, nos permite trabalhar na nova territorialidade à qual fizemos menção, construindo uma identidade compartilhada por mais de três milhões e meio de cidadãs e cidadãos, insistimos com a ideia de viver em cidades com maior qualidade de vida. Nesta tentativa coletiva, mantemos que nos comprometemos com o sonho de refazer nosso mundo, a partir de nossos desejos mais profundos. No trajeto, ao pertencimento à Rede deixou uma íntima marca da qual nos nutrimos.



Los Kilmes, Juan Bauk.

:: IV CONGRESSO MUNDIAL DE CGLU OS GOVERNOS LOCAIS DA AMÉRICA LATINA E UMA PRESENÇA PROPOSITIVA EM RABAT



*Por Jorge Rodríguez **



Entre os dias 1^o e 4 de outubro ocorreu em Rabat, capital de Marrocos, o IV Congresso Mundial de Governos Locais sob o slogan “Imaginar a Sociedade e Construir a Democracia”.

Além dos debates temáticos que contribuíram para a declaração do Congresso, se renovaram a integração do Conselho Mundial, as Presidências, o Escritório Executivo e as Comissões e Grupos de Trabalho de CGLU (Cidades e Governos Locais Unidos).

Os debates se centralizaram na melhora da qualidade de vida, reforçar a solidariedade entre os territórios, acompanhar a nova governança local e promover a diversidade. A declaração reflete o compromisso decidido dos governos locais do mundo com os valores fundacionais de CGLU em 2004, a paz, o diálogo, o entendimento entre os povos e a cooperação entre os governos locais. A convocação a construir um mundo em paz e de paz é a voz que soou com mais força no âmbito dos acordos, e para isso os governos locais reclamam sociedades inclusivas, participativas, coesivas, democráticas e justas. Com isto, como horizonte o compromisso renovado no IV Congresso Mundial passa pela construção de uma vida digna para todos. O compromisso para consegui-lo é continuar a mobilização para manter os valores que nos unem, atuando de maneira determinada para avançar para a formulação da Agenda das Cidades e Regiões do século XXI, para o qual se aspira a ser um sócio reconhecido pelo Sistema das Nações Unidas e elaborar uma única agenda global do Desenvolvimento Sustentável Pós 2015.

Ao Congresso Mundial, participaram umas 3.500 pessoas de 130 países, momento em que se escolheu uma nova Presidência para o mandato 2013 - 2016 de CGLU. Kadir Topbas, prefeito de Istambul (Turquia) foi reeleito Presidente da organização.

Os novos co-presidentes escolhidos são: Augusto Barrera, prefeito de Quito (Equador), Anne Hidalgo, primeira tenente de prefeito de Paris (França) e presidenta da Comissão Permanente de Igualdade de Gênero de CGLU, Chen Jianhua, prefeito de Guangzhou (China), Alain Juppé, prefeito de Burdeos (França) e presidente da Associação Francesa do Conselho Europeu de Municipalidades e Regiões (AFCCRE), Ilsur Metshin, prefeito de Kazã (Federação Russa), Jacqueline Moustache Belle, prefeita de Victória (Seychelles) e presidenta da Associação de Distritos de Victória. Ademais Fathallah Oualalou, prefeito de Rabat (Marrocos), foi escolhido tesoureiro de CGLU. Berry Vrbanovic, vereador de Kitchener (Canadá) e presidente emérito da Federação Canadense de Municipalidades (FCM), foi escolhido tesoureiro adjunto.

Outra importante decisão foi que por primeira vez a Cúpula e o Congresso Mundial de 2016 se realizarão na América do Sul, resultando aprovada a proposta de Bogotá, Colômbia, para ser a sede da 5^a Edição.

O Conselho Mundial e o Escritório Executivo de CGLU, em sua nova integração contam com um número importante de cidades da América Latina, incorporando uma grande representação de cidades integrantes de Mercocidades.

* Coordenador da Secretaria Técnica Permanente de Mercocidades

Paralelamente ao Congresso Mundial, ocorreu o encontro de cidades latino-americanas convocado pelo Projeto AL-LAs, apoiado por Mercocidades, Cidades Unidas da França, Fundo Andaluz de Municípios para a Solidariedade Internacional e Frente Nacional de Prefeitos do Brasil, entre outros. Este encontro reuniu aos altos representantes das cidades de Buenos Aires, Quilmes e Rosário da Argentina; Canoas, Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo, Vitória, o Presidente da Associação Brasileira de Municípios e da Assessoria Especial de Relações Institucionais da Presidência da República do Brasil; Ciudad Sur, El Bosque e Santiago do Chile; Bogotá e a Agência de Cooperação e Investimentos de Medellín da Colômbia; Quito do Equador; México DF, do Estado de Yucatán e a Federação Nacional de Municípios do México; e Montevideu do Uruguai. O encontro contou com a participação do Secretário Geral de CGLU, entre outras altas autoridades da organização; da Rede de Cidades Sul-Americanas (REDCISUR), de Mercocidades, de Metrôpolis, de Cidades Unidas da França.

Concluindo o debate, o prefeito de Quito Augusto Barrera salientou a necessidade de um trabalho forte e coerente entre todas as redes, organismos e instituições de cidades e prefeitos da América Latina, unindo forças para influir nas orientações dos objetivos de desenvolvimento pós 2015 que se debatem nas Nações Unidas.



:: PARA UMA CULTURA DE INTEGRAÇÃO REGIONAL



*Por Guillermo Herzel **

Se analisarmos os títulos e slogans que se propõem desde alguns setores políticos na hora de promover fóruns, congressos e seminários onde se debatem questões vinculadas ao desenvolvimento cultural, rapidamente notaremos que aparecem construções do tipo “Cultura, Cidades e Futuro”, por citar um exemplo próximo no tempo.

O problema não radica no que dizem, senão no que omitem. Porque a insistência com uma suposta e generalizada “necessidade de ver ao futuro”, em realidade oculta as verdadeiras intenções dos que nos propõem esses enunciados: deixar de lado toda abordagem crítica de nosso passado comum como habitantes de uma região que nos aproxima.

Mais contundente se revela esta intenção, quando esses mesmos setores propõem medidas que apontam –por exemplo- a eliminar História dos programas escolares.

É por isso, que considero oportuno colocar em crise o conceito. Não porque “olhar ao futuro” seja uma má ideia ou uma proposta equivocada, senão porque debater e construir hoje, pensando no futuro de nossas cidades, exige -em primeira instância-, reconhecer-nos como habitantes de uma região e de um continente com um passado e um presente que nos são comuns e complementares.

Então para avançar na construção de um futuro comum, é necessário saber e entender de onde viemos. Porque uma cidade sem memória é uma cidade sem identidade. E uma cidade sem identidade é incapaz de projetar um futuro pleno, sólido e abrangente.

Neste sentido, os que formamos parte da Rede de Mercocidades -um espaço que nasce a meados dos anos 90 para resistir e enfrentar o avanço do neoliberalismo- e em particular da Unidade Temática de Cultura, estamos convencidos que a América Latina transita um momento político e social de enormes vantagens para aprofundar esse exercício reflexivo e avançar na direção correta.

Com esse objetivo, então, nos propusemos e avançamos na geração de novos espaços de encontro destinados a promover o desenho de políticas culturais com uma visão que contenha a tantas vezes citada diversidade cultural.

O Encontro de Cidades e Universidades -que ocorreu entre os dias 3 e 5 de julho do corrente ano, em Montevideu, no marco da programação gerada por essa cidade uruguaia declarada Capital Ibero-Americana da Cultura 2013-, resultou fundamental em matéria de integração e estratégia conjunta entre governos locais e universidades estatais do MERCOSUL. Também, o foi o avanço do Convênio Marco de Cooperação entre o MERCOSUL e a Rede de Mercocidades, destinado a “facilitar a criação de espaços culturais e estabelecer políticas de fomento à integração regional, que se apoiem na cultura como estratégia”, tal como diz o texto do documento que seria aprovado na próxima reunião de presidentes dos países integrantes do MERCOSUL.

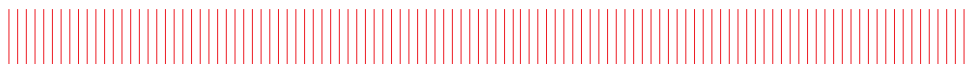
* Coordenador da Unidade Temática de Cultura da Rede de Mercocidades. Diretor de Arte e Cultura, Município de Morón, Argentina.

Por isso, quero finalizar convocando às cidades que ainda não o fizeram, a se juntarem a este atual encontro. Para seguir avançando na construção desse futuro que começa a se consolidar a partir deste presente diálogo e consenso e de uma história que nos une.



La Educación, Juan Bauk.

:: PERIFERIA E MULTICENTRALISMO NA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA



*Por Gonzalo Tomás Pérez **

Quando se pensa na construção de um mundo melhor não se podem evitar os dados que mostram que a população rural de todo o planeta diminui, aumentando irreversivelmente a população urbana. Esta realidade cresce dia a dia. A princípio do século XX só dez por cento da população mundial era urbana. Na atualidade, segundo dados de 2012, a população rural se reduziu a 47,4% e se calcula que a cada ano sessenta milhões de pessoas emigram para as cidades.

Os modelos de desenvolvimento, a necessidade de mão-de-obra, as novas tecnologias agrícola-pecuárias, são algumas das explicações deste fenômeno, que começou antes nos países que primeiro alcançaram maiores níveis de industrialização.

Quando os chamados países em vias de desenvolvimento foram alcançando novos níveis de industrialização, seus centros urbanos e fabris começaram a necessitar maior quantidade de mão-de-obra, e dessa maneira foram crescendo seus conglomerados urbanos, geralmente denominados conurbações ou conurbanos.

A América Latina foi uma das regiões do terceiro mundo pioneira no processo de urbanização. Entretanto, a tendência de crescimento demográfico de suas grandes cidades vem se revertendo, ainda que não em relação com as zonas rurais, que seguem com descenso de população, senão em relação às próprias periferias dessas grandes urbes, que é onde a população cresce. Isto tem uma explicação muito simples e clara: o valor do solo urbano.

A resultante é então uma paradoxal: a cidade atrai e necessita mão-de-obra, porém não oferece as possibilidades de acesso a terra e a vivenda para quem convoca. Dessa forma, milhões de pessoas passam a formar parte de suas periferias, vivendo nelas e gerando novos desafios.

Os Estados em todos seus níveis de responsabilidades, desde o local ao nacional, devem prestar atenção a este processo e se propor estratégias para enfrentar-lo.

As migrações são patrimônio cultural em movimento. Os seres humanos que se trasladam de um lugar a outro procurando novas oportunidades, colaboram com conhecimentos, tradições, costumes, idiomas, ofícios, cultura em geral. Toda essa contribuição cultural deve ser valorizada e compreendida. As cidades que recebem estas colaborações não podem ignorar o direito das pessoas a cidades diferentes, com espaços urbanos comuns e acessíveis, sempre mais inclusivos.

* Argentino, nasceu na Cidade Autônoma de Buenos Aires. Bacharel em Audiovisual da UNLA (Universidade Nacional de Lanús). Diplomado em FLACSO. Especialista em Cooperação Descentralizada da União Europeia - América Latina pela Universidade Aberta de Catalúnia. Cineasta. Autor de curtas-metragens, alguns dos quais resultaram selecionados em distintos festivais tanto nacionais como internacionais. Atualmente, é subsecretário de Relações Internacionais, Município de Quilmes.

Para isso, é imprescindível visualizar a problemática comum das regiões metropolitanas, com suas capitais ou suas grandes cidades que fazem às vezes de centro, formando-se gigantescas periferias que crescem ao calor daquelas. Apesar de que existem e se constroem identidades particulares em cada localidade, não é menos certo que o modelo de desenvolvimento concêntrico gera grandes desigualdades.

O desafio então é gerar um desenvolvimento equitativo, em que as cidades de periferia tenham um protagonismo fundamental, em que os vizinhos e vizinhas sintam que constroem sua cidadania desde seu lugar, formando-se polos de desenvolvimento que sejam multicêntricos e impliquem serviços públicos de qualidade com acesso equitativo para todos os habitantes. Um desenvolvimento em que o direito à cidade seja não somente um desejo compartilhado, senão uma estratégia comum das regiões metropolitanas para a construção da cidadania e da inclusão de todos seus habitantes.



La ventana, Hilda Paz.

:: REFLEXÕES A PROPÓSITO DE CONCLUIR A SECRETARIA EXECUTIVA 2012-2013 (QUILMES) E DA PRÓXIMA 18ª CÚPULA DA REDE DE MERCOCIDADES (PORTO ALEGRE)



*Por Daniel Rosano **



Refletir sobre as tarefas da Secretaria Executiva (SE) 2012-2013 (Quilmes) próxima a concluir e se aventurar, olhando ao horizonte, na próxima 18ª Cúpula da Rede de Mercocidades (que se celebrará em Porto Alegre, de 27 a 29 de novembro), me produz uma enorme satisfação.

Não posso deixar de ressaltar, em primeiro lugar, a honra que significou para mim integrar a Coordenação Diretiva da SE do prefeito Francisco Gutiérrez e seu correlato no Comitê dos Municípios do FCCR.

Na Coordenação Diretiva da SE se procurou (embora às vezes não foi fácil) conjugar verbos como inventar, sonhar, trabalhar, incentivar, integrar, harmonizar, respeitar, progredir, etc. (isto, obviamente, de forma enunciativa e não taxativa). É por isso que, desde já, desejo expressar meu agradecimento a: Francisco Gutiérrez, Lucrecia Monteagudo, Evangelina Ramírez, Gonzalo Pérez, Inés Malicki, Leandro Silva, Nicolás Ferreira Clua, Ezequiel Killmeate Stutz, Lorena Pietronave, Mili Vidal, Darío Crespo, Susana Carro, Diego Atienza e José Andrada.

Acredito que na Coordenação Diretiva da SE cada um, a sua maneira, colaborou e transmitiu uma mensagem. Eu senti, como militante da integração, que ser SE era um empreendimento que implicava um compromisso de honra. Porém, tão importante como o final, é o caminho que estamos percorrendo e, me tomo à licença de escrever, que muitas vezes escutei ao Secretário Executivo, e se bem já sabia como ele pensava ou outros companheiros, sempre ficou algo novo das exposições.

Se há algo sobre o que não tenho dúvidas, é que ao MERCOSUL há que sentir-lo; e de nada serve se não chega à sociedade, pois a integração não é um fim em si mesma senão um meio para alcançar o bem comum de nossos povos.

Honar o lema convocador da 17ª Cúpula “Para uma Cultura de Integração Regional”, foi uma experiência vivificante que permitiu abrir todo um leque onde pudemos incluir reflexões tais como que o MERCOSUL e o ALCA eram dois projetos incompatíveis. A propósito disso, das estantes da minha biblioteca minhas mãos recuperam um artigo que escrevi há alguns anos atrás, titulado Situação, Perspectivas e Dimensões da Integração -Revista Jurídica de Doctrina del Colegio de Abogados do Departamento Judicial de Quilmes, ano 2, nº 2, novembro de 1997, pág. 149-, onde manifestei que “o historiador uruguaio Alberto Methol Ferré [quem teve a consideração de me honrar com sua amizade, que obviamente não é a causa fonte -aclaro- pela que acredito deveria merecer um rápido reconhecimento de ser declarado Cidadão Ilustre do MERCOSUL -post mortem-] (em seu trabalho uma Bipolaridade Cultural: MERCOSUL - NAFTA).

* Advogado. Diretor Geral da Direção de Integração Regional da Secretaria de Relações Institucionais, Regionais e Internacionais da Municipalidade de Quilmes. e-mail: danielrosano@arnet.com.ar

O destino chama duas vezes; no livro MERCOSUL. A Dimensão Cultural da Integração; Gregorio Recondo -compilador-; ed. Ciccus, Buenos Aires, 1997, pág. 38 e 39) assinala que uma premissa dominou nossa história continental. A mesma pode se formular nos seguintes termos: 'o pan-hispanismo possui realidade cultural, porém carece de fundamento econômico; o pan-americanismo tem bases econômicas, porém carece de realidade cultural...'. Tomando como ponto de partida esta divisão entre pan-hispanismo -o latino-americanismo e ibero-americanismo- (realidade cultural sem bases econômicas) e pan-americanismo (base econômica sem fundamento cultural), Methol Ferré nos adverte que esta premissa está sendo questionada hoje pelo o MERCOSUL, não acontecendo o mesmo com o NAFTA (Tratado de Livre Comércio da América do Norte por sua sigla em inglês). O autor a quem seguimos nestas reflexões, faz uma comparação entre o MERCOSUL e o NAFTA. Indica que o primeiro 'começa a concordar cultura e economia, enquanto que é pressuposto...' do segundo 'o divórcio de economia e cultura'. O artigo 1º do Tratado de Assunção reza que 'Os Estados Partes decidem constituir um Mercado Comum,...'. Isto significa 'confluência de povos' 'compenetração cultural'. O NAFTA é só uma Zona de Livre Comércio, símbolo de 'separação e não processo de identificação de culturas'; 'o MERCOSUL nasce da convergência cultural' (comunidade de história e projetos compartilhados que se expressa em uma identidade cultural), 'o NAFTA da divergência cultural'. O MERCOSUL é 'latino-americano', enquanto que o NAFTA é 'pan-americano'".

Com a incorporação da República Bolivariana da Venezuela no MERCOSUL, já não está tão claro, como antes, que se o desenhávamos ou pintávamos ao MERCOSUL em sua geografia em um mapa, tenha a forma de um grande símbolo de interrogação cujo ponto era a Ilha Grande de Terra do Fogo.

Eu gostaria muito que a 18ª Cúpula de Mercocidades fosse como um grande útero e que todas as inquietações se transformem em trabalho. É meu desejo que a mensagem que tento transmitir seja todo o instigante que me proponho ser com estas palavras. Penso que para entusiasmar tem que se saber admirar. Se admirarmos o fato até agora em Mercocidades e o MERCOSUL, não tenho dúvidas que nos entusiasmaremos, lutaremos, responderemos as perguntas que faltem responder e faremos o que faz falta fazer; pois, parafraseando ao Ex-Presidente Lula, "devemos fazer o necessário, depois o possível e quando nos dermos conta, estaremos fazendo o impossível pelo MERCOSUL".

Concluo dizendo, em primeiro lugar, obrigado pela oportunidade de estar vivendo esta experiência; por poder expressar em Mercocidades, e em voz alta, reflexões como as quais antecedem. Em segundo lugar, abrigo a esperança que todos os que escutaram ou leram este artigo se sintam parte de Mercocidades e da 18ª Cúpula; penso que já o são. Em terceiro lugar, desejo fervorosamente que a 18ª Cúpula, que tem um temário muito amplo e interdisciplinar, se constitua em uma valiosa colaboração ao processo de integração. Somente assim, a SE exercida por Quilmes, encabeçada por seu prefeito Francisco Gutiérrez e todos os que integramos sua Coordenação Diretiva, com razão poderemos nos sentir felizes e festejar a concretização final de nosso mandato e a realização de uma nova Cúpula de Mercocidades e o começo de outra SE.

Entretanto, com os pés no chão, não podemos acreditar que tudo está feito; se fosse possível, por exemplo, no âmbito de muitas municipalidades, complementar-lo com a criação de áreas específicas com incumbência regional e internacional seria muito, mas muito, melhor. E digo isto, pois toda a temática da integração é um umbral que os municípios devem se atrever a cruzar; e fazer-lo com ideias de força, concretas e coerentes. A falta de riqueza econômica - porém ainda tendo-a-, sou um convencido que temos que insistir nas ideias; ideias com base no conhecimento/estudo, porém também com base à imaginação. Imaginar é preciso; e criar é imprescindível. Há que defender o MERCOSUL e a Mercocidades, porém não somente desde uma mesa de café; pois, os tempos que correm não permitem isso.

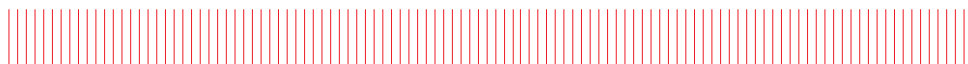
Acredito que a SE que encabeçou o prefeito Gutiérrez não se confundiu de caminho ou opção que tinha que seguir e dos caminhos a tomar em consequência.

Na minha opinião a cidade de Quilmes, em exercício da SE, deu passos que, sem querer, nos constituíram em exemplo, podem servir, sem hesitação, de orientação.

Que tudo realizado pela SE Quilmes, e o que aconteça na 18ª Cúpula de Porto Alegre, se concretizem para o bem de Mercocidades e do MERCOSUL.

Nada mais; porém nada menos.

:: A CIDADE COMO TERRITÓRIO DA INTEGRAÇÃO E DA POLÍTICA



*Por José Fortunati **

A cidade é uma invenção da aventura humana na Terra, como uma resposta possível ao medo e às incertezas que impõe a natureza. Nasce, depois da família, como o segundo pilar da integração e da troca entre as pessoas e, por essa razão, também é o território primordial da ação política.

Porque a política só aparece através da integração entre os seres humanos, e sua qualidade se mede pelo quanto de desenvolvimento social é capaz de promover na Cidade assim como por sua capacidade de expansão regional. Portanto, podemos afirmar que há excelência na política local quando ela também firma alianças entre Cidades, ensinando e aprendendo ao mesmo tempo.

CGLU, Metrópolis e, sobretudo, as Mercocidades, são exemplos exitosos deste entendimento que, a partir de Porto Alegre, estamos compartilhando com nossos vizinhos da América Latina. Nossa cidade, reconhecida por sua vocação democrática, tem o firme propósito de fortalecer a integração regional para, junto com os países vizinhos, contribuir para o processo de reinvenção da política e de suas instituições, em curso no mundo. Também, através de alianças baseadas na confiança e na coesão social, construir uma identidade comum, que sirva de plataforma para o desenvolvimento sustentável.



La puerta al amanecer, Hilda Paz.

* Prefeito de Porto Alegre, artigo sobre a 18ª Cúpula

:: "DIVERSIDADE E ACESSO EQUITATIVO AOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO"



*Por Guillermo Mastrini **

Com o surgimento dos meios massivos de comunicação surgiram importantes debates sobre como organizar os sistemas de mídia. A primeira grande discussão de “políticas de comunicação” ocorreu em torno ao conceito de liberdade de expressão. A importância do conceito se estende até nossos dias. A liberdade de expressão dos cidadãos foi uma das condições básicas para a constituição de uma esfera pública burguesa.

Entretanto, uma vez consumada sua chegada ao poder, a burguesia deixou de ser liberal strictu sensu para afirmar uma ideologia do liberalismo na qual o conceito de liberdade de expressão tem um papel chave, no sentido de garantir a propriedade privada dos donos de jornais e limitar o acionar do Estado, tanto em sua velha função de censor, como por seu potencial de acionar a favor de uma democratização geral da estrutura comunicacional.

Quando desde meados do século XIX os anúncios substituem a venda de exemplares como fonte principal de financiamento da imprensa escrita, esta alcança sua maturidade como empresa capitalista e inicia um processo de concentração da propriedade que continua até o presente. Como ressalta Habermas: “A história dos grandes jornais diários da segunda metade do século XIX prova que a imprensa se torna manipulável em relação a seu grau de comercialização”.

O processo de concentração da imprensa e o surgimento de novos meios tornaram necessária uma revisão da intervenção do Estado. A Declaração Universal dos Direitos do Homem sancionada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1948 implicou uma mudança substancial, não só porque ampliava o sujeito do direito à informação, senão porque ademais se agregaram direitos conexos como o de investigar, receber e difundir informação e opiniões de qualquer forma e através de qualquer meio.

No chamado Informe MacBride, aprovado na XX Assembleia Geral da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) de 1980, se menciona a necessidade de promover políticas ativas dos Estados que garantam o direito cidadão a receber mensagens, porém também a produzi-la, consagrando noções chave para a democratização da comunicação como Acesso e Participação.

Com estes antecedentes, as políticas de comunicação devem ser consideradas dentro do vasto e complexo campo das políticas culturais. Poderia se sintetizar que na complexa relação Estado, mídia e sociedade, a ação pública na definição de políticas de mídias resulta indispensável. Se definirmos um espaço comunicacional democrático e participativo, é evidente que a simples intervenção do Estado não é suficiente, senão que a mesma deve estar fundada em determinadas orientações e conteúdos políticos e culturais. Entende-se como intervenção democratizadora aquela prática que amplia as possibilidades de participação da cidadania, não só considerada como público ou audiência, senão também em sua potencial capacidade para a produção de programas e logicamente incluída nos processos de tomada de decisões sobre as políticas de mídias gerais.

* Diretor do Mestrado em Indústrias Culturais. Universidade Nacional de Quilmes.



Nadador, Hilda Paz.

Por outro lado, a concentração econômica é um processo complexo de múltiplas variáveis e não unívoco, já que pode implicar o domínio ou controle de uma empresa sobre o mercado (a partir de compras e fusões) e a cobertura territorial por parte de um ou poucos meios de comunicação, com as consequentes implicações políticas.

Se virmos o mercado dos meios de comunicação, por seu caráter aberto e competitivo, a concentração pode produzir efeitos indesejados tais como a prevalência de certos interesses sobre o dever de informar, o privilégio da atividade lucrativa sobre a tarefa de serviço ao público e a obstaculização do pluralismo informativo, a partir da sobre representação de algumas tendências e a escassa presença de outras.

Enquanto as perspectivas críticas apoiam que é necessário limitar a concentração e veem nela uma ameaça ao funcionamento das mídias no âmbito de um sistema democrático (já que pode restringir a pluralidade e fomentar o aparecimento de conteúdos homogêneos, destinados a maximizar a participação dos grandes grupos no mercado), as posturas neoclássicas relativizam o impacto da concentração, destacam a diversidade da oferta gerada pela irrupção das novas tecnologias da informação e, em ocasiões, estabelecem uma relação positiva entre a concentração –ou, ao menos, a formação de mercados oligopólicos– e o nível de inovação e sustentabilidade dos produtos culturais.

Neste ponto, resulta evidente que a relação entre concentração e pluralismo não resulta simples nem linear, já que em sua abordagem há que considerar diversos fatores como o tamanho do mercado e a consolidação dos recursos neste mercado, a formação histórica da estrutura do sistema mediático e a tendência à inovação. Desta maneira, a concentração de mídias só constitui uma variável a mais (ainda que não menor) dentro do marco de análise dos níveis de pluralismo de uma sociedade.

A articulação entre concentração da propriedade das mídias e pluralismo é um dos debates mais significativos e polêmicos entre os acadêmicos que abordaram o fenômeno. Resulta fundamental compreender até que ponto a concentração afeta à diversidade de proprietários e, especialmente, de conteúdos. Para a escola crítica, esta relação era estreita e não havia dúvida de que o sistema concentrado de meios de comunicação promovia a informação e os valores culturais vinculados aos interesses dos setores hegemônicos. Estudos posteriores demonstraram que os mercados de meios de comunicação constituem oligopólios por natureza e que, portanto, resulta complexo promover uma diversidade plena (B. Bagdikian, 1983). Novos trabalhos expõem que a diversidade e o pluralismo não só constituem uma variável dependente da quantidade de jogadores presentes no mercado das mídias. O principal desafio é promover o máximo nível de diversidade e pluralismo possível em cada sociedade (Downing, 2011).

Nos últimos anos se multiplicou a capacidade de emissão e a oferta, entretanto os grandes meios de comunicação seguem convocando grandes audiências.

A premissa que mantém que a concentração no sistema de meios limite o pluralismo de conteúdos resulta muito frequente. Esta expressão mantida pelos expoentes da escola crítica sobre a concentração foi colocada em discussão com outras vertentes divergentes, que expõem que esta relação não deve ser sujeita a simplificações. O ponto reside em determinar se efetivamente o fenômeno da concentração neste setor da economia tem um impacto negativo sobre a construção de um necessário equilíbrio informativo (Vivanco Martínez, 2007, p. 14).

Gilliam Doyle (2002) observou que a única forma que tiveram as pequenas e médias empresas para se adaptar à globalização, ao deslocamento das fronteiras e à convergência tecnológica, foi a concentração. E sustenta que a relação entre a quantidade de proprietários e a diversidade de vozes e opiniões é complexa.

Um dos problemas mais difíceis de resolver é que não existe uma medida exata sobre quantos produtos ou proprietários são necessários para garantir o pluralismo em uma sociedade. A relação entre concentração e pluralismo não resulta simples nem linear já que em sua abordagem têm que se considerar outros fatores como o desenvolvimento histórico, o tamanho e a disponibilidade de recursos em um determinado mercado, a estrutura do sistema mediático, a diversidade de conteúdos e fontes prévia e a tendência à inovação (Gilliam Doyle, 2002, p. 15). Desta maneira, a concentração de mídias constitui uma variável a mais (ainda que não menor) dentro do marco de análise dos níveis de pluralismo de uma sociedade.

No âmbito dos estudos sobre comunicação existe um consenso geral, reforçado nos últimos anos, sobre a necessidade de preservar e fortalecer a diversidade cultural.*

É por isso, que resulta necessário abordar o fenômeno da concentração da propriedade também de acordo a suas implicações sociopolíticas e culturais. A investigação empírica sobre este ponto tropeça com a dificuldade de isolar o papel jogado pelo modelo de propriedade para determinar o conteúdo oferecido ao público e dimensionar os efeitos produzidos pelas mensagens das mídias. Constitui um sério erro metodológico deduzir que os conteúdos das mídias se derivam exclusivamente dos critérios de seus acionistas.

Um trabalho significativo é o de Juan Carlos Miguel (2004), quem diz que, em princípio, o pluralismo faz referência à multiplicidade de opiniões, de grupos, de pontos de vista, de atitudes políticas, religiosas, éticas e incluso geográficas. A pluralidade –que é o que caracteriza ao social– faz referência aos fatores presentes em uma determinada sociedade, que devem ser fomentados como mecanismo básico para a constituição de uma democracia. O pluralismo se refere aos meios de comunicação, como instrumento para assegurar esta pluralidade. Ou seja, que a pluralidade das mídias é o que se pode denominar pluralismo. Retomando a Collins e Murrioni (1996), afirma que uma excessiva concentração da propriedade pode supor que determinados aspectos do pluralismo –determinados grupos, pensamentos, opiniões– não apareçam nos meios de comunicação, e outros aspectos o façam em excesso. Desta maneira, a excessiva concentração não permite que o pluralismo –nas mídias– reflita a pluralidade que deve caracterizar a uma sociedade democrática. Para Miguel resulta impossível que em cada mídia se reproduza a composição social –raças, línguas, idades, opiniões, etc.– que caracteriza a sociedade, porém, em princípio, não parece fácil que um conjunto de mídias reflita a pluralidade do social se esta pluralidade não está representada em seu interior.

A principal dificuldade radica na dupla natureza –simbólica e econômica– dos bens culturais que se traduz em uma dupla vertente regulatória. Enquanto que por um lado se regulam os aspectos econômicos (política industrial, política de inovação, política de competência), por outro, estão os aspectos de diversidade e pluralismo, regulados mediante diversos instrumentos, como a transparência, a porcentagem mínima de programas, etc. Incluso, às vezes, se regulam através dos mesmos instrumentos utilizados para controlar a concentração.

Finalmente, Miguel considera fundamental estabelecer políticas de regulação do pluralismo, que assegurem que o desenho das novas redes e suas capacidades não se faça exclusivamente a partir de objetivos comerciais, que poderiam implicar uma exclusão dos grupos menos favorecidos. E acrescenta que a diferença entre pluralismo e diversidade se explica nos seguintes termos: se a diversidade é a existência de distintos meios, o pluralismo só se alcança quando existem meios e conteúdos com ofertas divergentes. Esta diversidade de proprietários e conteúdos deve ficar refletida em todos os níveis relevantes para o pluralismo: o político, o cultural e o linguístico.

* Em 2005, a grande maioria dos países membros da UNESCO aprovaram a Convenção para a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais.

O pluralismo político é a necessidade, de acordo aos interesses da cidadania, de contar com um conjunto de opiniões representadas nas mídias. A conexão entre a propriedade e a influência potencial das mídias, que é o maior desafio ao pluralismo, deve representar o foco principal de todos aqueles que o promovam. Sua missão é assegurar que os meios de comunicação permitam a expressão do conjunto das opiniões políticas de forma balanceada e não só daquelas afins aos interesses dos proprietários.

Porém também há que assegurar que as diferentes culturas presentes em um país ou região encontrem um canal de comunicação. O pluralismo cultural deve refletir a diversidade da sociedade. Neste caso, não só há que considerar que conteúdos estão disponíveis, senão também quais são consumidos, ou seja, uma diversidade aberta e refletiva. Para isso, é preciso fixar objetivos para a radiodifusão que transcendam os meros interesses comerciais. O princípio que aqui se propõe é que as minorias têm direito a receber uma programação acorde a seus interesses mais além de sua rentabilidade. Também se deveria assegurar que as minorias linguísticas possam se expressar e receber informação e programas em sua língua. Apesar de que, em geral, o nível linguístico foi desprezado na América Latina, deve se recuperar-lo em consideração com a multiplicidade de línguas de povos originários existentes.

Entretanto, como norma geral, se observa que a quantidade de operadores é determinante para o pluralismo. Como marca Doyle (2002), é difícil aceitar a ideia de que a diversidade da propriedade deve ser sacrificada para assegurar a diversidade de conteúdos. Entretanto, sim é matéria de discussão como são administrados os recursos, e analisar quais são os limites permitidos de propriedade e de conteúdos. Neste ponto, se entrelaça o nível político com a estrutura do mercado. Por tudo expressado, são importantes as regras que limitam a concentração da propriedade. Porém é preciso lembrar que o pluralismo não só depende da propriedade senão de outras variáveis relacionadas.

A defesa do pluralismo informativo e cultural deveria constituir um dos elementos principais da política de comunicação. Uma das chaves para permitir uma participação cidadã ampla é ter a possibilidade de ter acesso a uma variada gama de produtos culturais e opiniões. A concentração da propriedade das mídias limitaria esta variedade e existem diversos exemplos de intervenção dos Estados Nacionais com o objetivo de fomentar a pluralidade. Basicamente, esta intervenção pode ocorrer através de três mecanismos. Por um lado, mediante a sanção de leis que limitem a concentração da propriedade de empresas culturais. Outra opção tem sido outorgar subsídios para estimular o desenvolvimento de novos empreendimentos e a subsistência dos existentes. Finalmente, nos últimos anos se promoveu a criação de tribunais de defesa da competição a partir dos quais se instituíram medidas que regulam a conduta das firmas dominantes para impedir abusos, se tentou remediar os comportamentos anti-competitivos e analisar caso a caso as fusões e aquisições de mídias, obrigando em alguns casos a empresas a se desprender de parte de seus ativos para autorizar uma fusão. Em geral, os tribunais têm priorizado o critério de que o importante não é o número de proprietários senão as barreiras de entrada existentes para que outras empresas possam operar eficazmente.



Rastros, Hilda Paz.



Escupiéndole la realidad por la boca, Hilda Paz.

Em termos gerais, se a concentração gera lucro potencial de eficiência então pode se afirmar que as políticas de propriedade e concentração têm importantes consequências econômicas. Por outro lado, o valor da mercadoria cultural é duplo, econômico e simbólico, portanto é muito difícil abordar o problema do valor do produto das indústrias culturais sem considerar seu valor simbólico. A diversidade cultural e o pluralismo informativo constituem também fatores que podem afetar a qualidade e a eficiência de um mercado.

Se a política da propriedade ficasse determinada só por considerações econômicas, o desafio principal para os reguladores seria evitar potenciais perdas de eficiência, em uma indústria caracterizada por economias de escala e diversidade com tendências ao oligopólio. Daqui se desprende que a competição e a eficiência não podem constituir os conceitos principais que definam as políticas culturais. Para isso, se requer a intervenção do Estado com o objetivo de preservar o pluralismo e a diversidade.

Em termos gerais, a intervenção do Estado Nacional ou dos Estados supranacionais para resguardar o pluralismo implica compreender a importância dos aspectos políticos e culturais envolvidos na regulação da comunicação. A intervenção dos poderes públicos resulta uma ferramenta indispensável para evitar a concentração tanto mediante a regulação e a geração de condições para a existência de meios independentes aos efeitos de alcançar o pluralismo externo, como pela criação de meios públicos que garantam pluralismo interno. Regular a concentração da propriedade implica, então, promover critérios sociopolíticos sobre os critérios econômicos considerando a dimensão simbólica dos meios de comunicação.

Queremos agradecer de modo muito particular, a colaboração prestada pelos artistas plásticos de Quilmes Hilda Paz, Juan Bauk e Leandro Manzo. Estes três excelentes plásticos o são, porque fundamentalmente são excelentes pessoas. As e os quilmesenses aproveitamos plenamente suas obras, porém sua qualidade de artistas os projetaram internacionalmente conseguindo reconhecimento e prestígio. Tal transcendência vai conectada a sua excelência.

Compartilhar sua arte com todas as cidades da Rede é também nossa forma de colaborar com a construção de uma cultura de integração regional, construindo irmandade entre os povos através de uma de suas mais sublimes expressões.

Secretaria Executiva da Rede de Mercocidades 2012-2013

Hilda Paz nasceu em Buenos Aires. Estudo na Escola de Belas Artes “Carlos Morel” de Quilmes, onde é docente nas cátedras de gravado e pintura. Desde 1968 – e de modo constante- realiza exposições individuais e coletivas tanto na Argentina como no exterior.

Alguns de seus últimos prêmios: Prêmio Fundo Nacional das Artes Gravado Museu Galisteo de Rodríguez, Santa Fe; Prêmio Mariano Guibourg Salão Nacional; Primeiro prêmio Gravado Salão Municipal Manuel Belgrano Museu Sívori Capital; Prêmio de Pintura Piazza Capuanno, Milão, Itália; Prêmio Fundo Nacional das Artes, Buenos Aires; Medalha e diploma ao envio gráfico em Cazaquistão; Prêmio Gravado na Bienal de Tuzla, Iugoslávia; Terceiro Prêmio Salão Nacional de Artes Plásticas- Gravado; Grande Prêmio IV Bienal de Gravado em relevo, Xilón, Buenos Aires; Segundo Prêmio na 8ª Bienal do Gravado do MERCOSUL, Chavannes, Brasil; Prêmio Internacional de Gravado da Fundação Volpe Stassen; Prêmio Murais “pela verdade e a memória”, Buenos Aires; Menção de Honra em gravado no Salão Internacional de Arte sobre papel, Buenos Aires; Prêmio ex acquo- Mini print. Biennial Cluj Napoca, Romênia 2003; Terceiro Prêmio III Bienal Latino-Americana de Gravado, Buenos Aires, Argentina 2004; Menção XI Bienal Miniaturas gráficas Luisa Palacios, Venezuela 2004; Prêmio 2005 à trajetória Museu de Arte nova de Canadá; Prêmio Xilón Argentina à trajetória no gravado 2005, Buenos Aires; Menção de honra Ex Libris O Quixote Bienal de Contratalla, Espanha 2006; Menção Mini Print Internacional 2008 Rosário, Argentina; Menção à experimentação Bienal Internacional Paco Urondo 2011.

Participa em bienais internacionais de gravado, ex libris, e poesia visual.

Hilda Paz Levozan - Ramella 72 ex 40 - Bernal- B 1876 CSB - Buenos Aires Argentina - pazhilda@gmail.com – Tel. +54-11-4259-4399 - Cel. 15 6976 2637

Juan Bauk nasceu em Quilmes, Buenos Aires, Argentina, no dia 16 de novembro de 1950. Artista plástico e muralista, desde 2008 é Diretor da Direção de Muralismo do Município de Quilmes e Delegado Geral do Movimento Internacional de Muralistas. Realizou mais de 120 murais em distintas localidades do país e no exterior, e dirigiu a realização de outros 73 realizados por seus alunos.

Citamos alguns de seus múltiplos reconhecimentos: Primeiro Prêmio “ALBA S.A.” do “Primeiro Concurso Regional de Murais”; Menção especial por “Atividade cultural, plástica e docente” Prêmio Candil de Kilmes; Primeiro Prêmio representando a Quilmes no concurso “134 Murais para a Província”, organizado pelo Instituto Cultural da Província de Buenos Aires; organizou inúmeras jornadas de Muralismo e Arte Pública, sejam nacionais, regionais, locais como internacionais; coordenou a formação e traslado de delegações argentinas a distintas Jornadas Internacionais de Muralismo, nas cidades de Berazategui, Quilmes, Solano, La Plata, Mar del Plata, Buenos Aires, Tucumán, Las Heras, Catamarca, México DF, Tlaxcala – México, Ontário -(Canadá) e Santiago de Cuba - Cuba; participou trabalhando em múltiplos eventos relacionados com o Muralismo e a Arte Pública no país e no exterior; foi Docente da Oficina de Muralismo da Secretaria de Cultura de Berazategui, da escola Municipal de Belas Artes “Carlos Morel” Quilmes, da Universidade Nacional de Quilmes e da Universidade Nacional de San Martín; foi convidado a realizar palestras, debates e audiovisuais em distintos âmbitos acadêmicos e culturais do país entre 2006 e 2011 em Miramar, La Plata, (Província de Buenos Aires), Villa Maria (Córdoba), Tucumán, e no exterior, Canadá, Coyoacán (México), entre outros; realiza desde 1986 mostras grupais ou individuais em Cidade Autônoma de Buenos Aires, Terra do Fogo, Rio Gallegos, Caleta Olivia e Pico Truncado (Santa Cruz), San Salvador de Jujuy, Mar del Plata, Quilmes, Berazategui (Buenos Aires).

Pintura de cavalete, realizando 25 mostras individuais, 10 grupais e 50 coletivas, entre 1978-1998. Adquiriram 94 de suas obras de cavalete, instituições e colecionadores privados do país, Espanha, França, Uruguai, Chile e México.

Juan Bauk – Tel. +54-11-4254-6252 - Cel.: 15 - 6458 – 2775 mariasansotta@gmail.com

Leandro Manzo nasceu em Rio Gallegos, Província de Santa Cruz no dia 3 de maio de 1950. Autodidata. Desenvolveu sua atividade na Província de Santa Cruz até se radicar na Província de Buenos Aires, no ano 1977. Professor de Literatura pela Universidade Nacional do Sul. Dedicou-se à docência em Quilmes desde 1981. Desde o ano 1966 realiza de modo contínuo mostras individuais e coletivas em distintas províncias argentinas como Buenos Aires, Santa Cruz, Cidade Autônoma de Buenos Aires, Santa Fé e Mendoza entre outras e também em Hamburgo (Alemanha) e em Madri e Alcalá de Henares (Espanha).

Entre suas múltiplas premiações, se encontram as seguintes: Selecionado para participar na mostra "60 anos da Biblioteca Moreno" no Conselho Deliberante da Cidade de Buenos Aires; Primeira menção em pintura, Salão Nacional Carlos Morel, Quilmes; Selecionado para os prêmios "Esso" e "Braque" de pintura, Buenos Aires; Primeiro prêmio em pintura, concurso "Coca-Cola nas artes e nas ciências"; Segundo prêmio em pintura no primeiro concurso para artistas do interior, organizado pela Municipalidade da Cidade de Buenos Aires; Primeiro prêmio e prêmio especial do jurado na VII seleção da Província de Buenos Aires; Primeiro prêmio no concurso da Sociedade italiana de Quilmes; Selecionado para o prêmio "25 anos do museu de arte moderna", Buenos Aires; Selecionado para representar a Santa Cruz na mostra nacional da Subsecretaria de Cultura da Nação.

Leandro Manzo – Tel.: +54-11- 4259 6790 - Cel. 15 68757419 manzorepetto@yahoo.com.ar

DIALOGO



PORTUGUÊS



MUNICIPIO DE QUILMES

www.mercocidades.org